

agostinho da silva

**educação
de
portugal**

ulmeiro

JNT
LIVRARIA

TELEFONE 372754
ROSSIO, 23
1100 LISBOA

TELEFONE 22767
AV DOS COMBATENTES, 260
4900 VIANA DO CASTELO

TELEFONE 73481
SHOPPING TOWN
4760 V. N. FAMALICÃO

OBRAS DE AGOSTINHO DA SILVA

EDUCAÇÃO DE PORTUGAL

ulmeiro



ulmeiro — LIVRARIA E DISTRIBUIDORA, LDA.
Apartado 4152 — 1504 Lisboa Codex — Telef. 715 13 41

FICHA TÉCNICA

Título: **Educação de Portugal**
Autor: **Agostinho da Silva**
Coleção: **Obras de Agostinho da Silva**
Edição: **José A. Ribeiro**
1.^a edição: **Julho de 1989**
Depósito legal n.º **27740/89**
Fotocomposição: **Sotecla, Lda.**
Impressão e acabamento: **Polimpresso**

ISBN-972-706-213-X

NOTA INTRODUTÓRIA

Em 1970 o Prof. Agostinho da Silva foi solicitado para escrever sobre o tema da educação. Após a leitura do manuscrito a editora de então considerou-o «demasiado filosófico». Com semelhante juízo foi o manuscrito condenado a permanecer escondido à luz pública por vários anos, até que a Roda do Destino o quis colocar no lugar que merecia por direito próprio.

De entre os muitos «papéis» que foram oferecidos à Biblioteca H.D.S., um envelope despertou a nossa atenção por conter os seguintes dizeres: «recusada a publicação por ter sido considerado demasiado filosófico...» Esclarecidas as dúvidas com quem as pode iluminar, rapidamente nos surgiu ao espírito a ideia de transformar as letras manuscritas em letra de forma.

Ao contrário da editora que encomendara a obra, a editora por nós agora contactada considerou a sua publicação um imperativo que urgia cumprir.

Assim é dada à estampa uma obra cujo conteúdo não foi ultrapassado pelo tempo, pois que em relação às transformações sócio-políticas que o mundo sofreu o leitor saberá «mudar o que deve ser mudado» de modo a integrar o essencial com o accidental, tendo em conta que este original, desde essa altura, não voltou a ser lido pelo Prof. Agostinho da Silva.

MARIA ROSA, JOÃO PEDRO, FRANCISCO LY,
(Grupo Promotor da Biblioteca Hernâni Dias da Silva)

1

Como não domino de modo algum a bibliografia sobre o assunto, circunstância que pode ser censurável, mas é exacta, vou apenas supor que já existem muitos trabalhos que descrevem o estado actual da educação neste País, com todos os pormenores de estatística e, na medida do possível, com todas as considerações pertinentes sobre as circunstâncias de economia, de objectivos cívicos e pragmáticos e de possibilidades de execução que permitem, facilitam ou proíbem que se eduque. Sabe-se, portanto, e bem, de tudo o que o doente sofre; mas, pelo que tenho visto, e vamos supor que nem sempre por culpa de quem escreve, não tem havido bastante demora quanto ao que se deveria fazer, já não com a mira de melhorar o que existe, suprimindo-lhe os defeitos, mas com o propósito de criar um sistema de educação que verdadeiramente corresponda ao que é Portugal, e vamos dizê-lo desde já, à grandeza que deve ser Portugal, não à mesquinhez que tantas vezes tem sido; que, além de lhe corresponder ao que já em história foi, o livre de limitações e lhe permita realizar-se no de que deu apenas sinais; e que, subindo ainda, dê corpo aos sonhos de alguns dos maiores que viu nascer e seja não parente pobre do mundo, mas seu guia, pois sempre se atrasa quem não tem por escopo abrir caminho.

Vai, pois, o que se segue embarcar em projectos e tentar que se lancem às águas os navios do futuro; mas o sonho, mais ainda do que a realidade, exige, ao comunicar-se, que se seja preciso, pelo menos para que seja útil como casuística de psicólogos; quem vai navegar traça rumos e os rumos se fazem sobre matemática, consideração de que muitas vezes

se esquecem os que falam de passado português; daquele passado que criou o melhor mapa e o melhor navio do seu tempo, para o que se requer a exactidão do astrónomo e a da carpintaria naval. Parece, pois, útil que se comece pela definição de alguns termos de que usará o autor; não importa que os outros discordem da definição e tenham as suas próprias; o que importa é que entendam o que se quis dizer aqui e o traduzam para as suas próprias linguagens.

Além dos termos, porém, se usarão conceitos; porventura a muitos parecerão errados e talvez o sejam; acontece, no entanto, que foram apurados por muita experiência a que se não fugiu, experiência de livros, talvez nem sempre bem lidos e entendidos, experiência de pessoas, talvez nem sempre olhadas com o amor que descobre tesouros, experiência de terras talvez também nem sempre vistas com a atenção e simpatia que, por existirem, merecem; nenhum erro de conceito se deverá, por conseguinte, à deficiência do que veio de fora, mas à insuficiência e debilidade do que dentro o esperava, e a nenhum pensamento que for exposto se deverá considerar como insusceptível de correcção futura; muitas vezes uma ideia se me tem substituído por outra e é muito possível que tal venha ainda a acontecer no futuro; mas de qualquer modo, é útil que fique bem claro o que penso hoje sobre educação, em dois ou três pontos essenciais.

Creio, primeiro, que o mundo em nada nos melhora, que nascemos estrelas de ímpar brilho, o que quer dizer, por um lado, que nada na vida vale o homem que somos, por outro lado que homem algum pode substituir a outro homem. Penso, portanto, que a natureza é bela na medida em que reflecte a nossa beleza, que o amor que temos pelos outros é o amor que temos pelo que neles de nós se reflecte, como o ódio que lhes sentimos é o desagrado por nossas próprias deficiências, e que afinal Deus é grande na medida em que somos grandes nós mesmos: o tempo que vivemos, se for mesquinho, amesquinha o eterno. E penso, quanto à segunda parte, que todo o homem é diferente de mim, e único no universo; que não sou eu, por conseguinte, quem tem de reflectir por ele, não sou eu quem sabe o que é melhor para ele, não sou eu quem tem de lhe traçar o caminho; com ele só tenho o direito, que é ao mesmo tempo um dever: o de o ajudar a ser ele próprio; como o dever essencial que tenho comigo é o de ser o que sou, por muito incó-

modo que tal seja, e tem sido, para mim mesmo e para os outros. Quanto aos outros, até, e sobretudo, no amor se tem de ter cuidado; gostar dos outros e lhes querer bem tem sido o motivo de muita opressão e de muita morte dos espíritos que vinham para viver; é esta uma das boas intenções de que mais está cheio o inferno; não tens essencialmente de amar nos outros senão a liberdade, a deles e a tua; têm, pelo amor, de deixar de ser escravos, como temos nós, pelo amor, de deixar de sermos donos do escravo.

Ora o que a vida tem feito dos homens tomados no seu conjunto, e fora o reduzido exemplo de algum grupo que mais conseguiu furtar-se a exigências sociais, tem sido o pervertê-los, aguçando-os para a batalha, pondo-lhes a concorrência como uma virtude e o triunfo sobre os outros como uma marca de especial favor de Deus; tem ajudado muita gente a prelibar prazeres do céu o ir supondo desde agora que há contemporâneos seus já votados aos tratos dos diabos. A ideia do bom selvagem, corrompido depois, que veio para a Europa com os índios brasileiros, ajudou a fazer a Revolução Francesa, teve em seguida crédito antropológico e hoje é menos querida dos homens de ciência, tem de se pôr de novo como um conceito positivo, mas abandonando a suposição de que pode ser melhor do que a nossa qualquer sociedade que já tenha uma economia organizada para a produção, e que veja, portanto o homem, não como um ser natural, mas como um produtor; que já tenha uma escola funcionando para a transmissão da segurança do grupo; que já tenha um sistema de magias e ritos que a livre de terrores.

Nenhum adulto foi bom em tempo algum, com exceção dos santos, os quais, qualquer que fosse a religião que os santificou, concordaram todos com as palavras evangélicas em que se aponta a criança como paradigma de homem e fizeram todo o possível pelo regresso à infância; o que dá poderoso significado, e não já como sobrevivência do passado, mas como prenúncio de futuro, àquela antiga festa portuguesa, hoje das Ilhas e Brasil, em que o povo, mais sábio que os doutores, coroa uma criança Imperador do Mundo. E é à criança que temos de considerar o bom selvagem, estragando-a, deformando-a, inutilizando-a o menos que nos seja possível, defendendo o seu tesouro de sonho, jogo e criação, a sua espontaneidade e a sua malícia sem maldade, o seu entendimento sem análise e o seu amar do mundo sem a preocupação das sín-

teses; e foi afinal desta criança feita Deus, ou Deus se revelando, para um novo Evangelho, que nos falou Alberto Caeiro, o poeta que se afirmou no que toca aos jeitos de viver, o mais português de todos os poetas portugueses.

Acreditando, pois, que o homem nasce bom, o que significa para mim que nasce irmão do mundo, não seu dono e destruidor, penso que a educação, em todos os seus níveis, formas e processos não tem sido mais que o sistema pelo qual esta fraternidade se transforma em domínio. Não tendo, por outra parte, certeza alguma de que tenha havido a evolução de que toda a gente fala como de uma absoluta verdade científica, não porei que foi ao passar de um estádio animal a uma forma reconhecidamente humana que o homem iniciou a sua guerra para submeter à sua vontade as forças físicas e assegurar assim a sua sobrevivência; direi apenas que o homem, tal como o conhecemos, se fez rei do mundo e irá até onde quiser pela força da sua inteligência, a persistência no querer e a piedade nenhuma pelo que possa vir a opor-se; todos os fracos, do grupo ou não, serão esmagados, e, sabedores disto, todos nós, pelos tempos fora, temos querido que a escola, escola chinesa ou escola alemã, escola chamada progressiva ou escola retrógrada, seja fundamentalmente uma fábrica de fortes. Fortes para a invenção na indústria e a concorrência no comércio; fortes para as filosofias que nos descansam sobre os mistérios do universo e permitem agir com a consciência em tranquilidade, pelo menos tranquilidade relativa, pelo menos tranquilidade de uso social; fortes para as defesas enérgicas e sem muitas perguntas perturbantes quando alguém nos ameaça na nossa segurança; fortes para abrirmos caminho, fortes e aí vem a palavra final, para vencermos na vida.

O grave de tudo isto é que nos lembramos sempre da criança que fomos e que por nossas mãos matamos, às vezes nos consolando com a ideia de que eram as mãos dos outros que estavam apertando as nossas para o estrangulamento, mas sentindo bem que o vencer na vida significa afinal o ter vencido a vida; que o nosso império se construiu sobre mortos, e que realmente somos todos nós um Infante D. Henrique que ao Irmão atraiçoa para que Ceuta não caia; e Ceuta, afinal, caiu; ou não teve ainda, pelo menos, destino que se visse. Estaremos todos, no mundo inteiro, tomando Ceuta e conservando Ceuta, sem vitória final

que lhe demos? De tal modo nos terá dominado o nosso sistema de educação que nunca mais criança alguma nascerá para ser livre na plena liberdade do mundo? Terá o feitiço tomado conta do feiticeiro e cada vez aperfeiçoaremos mais os nossos sistemas pedagógicos apenas para que cada vez seja maior a nossa eficiência na batalha da vida, ou na batalha em que transformamos a vida? Nenhum dos melhores acreditou jamais em que tal se desse; fé e esperança se têm unido para assegurar que para além de todas as violências, porventura necessárias para que o grupo humano se organizasse, tempo virá de caridade, entendendo-se caridade não como aquele suplemento de humilhação que se leva aos que caíram na luta, mas como o amor irrestrito que, embora consciente dos defeitos do amado, o ama sem pensar em saldo positivo ou negativo.

Pelo que tem sido até hoje, começa o homem assegurando a sua vitória sobre as fatalidades físicas do universo; estamos na época da história que marcará a ascensão final da humanidade à abundância dos meios de existência, à curiosidade sem limites por todos os aspectos do grande espectáculo, do magnífico conto de fadas que pode ser a vida, à possibilidade de mergulhar sem medo no mistério que nos cerca; estamos no início de tempos em que nos parecerão incompreensíveis a economia em que o homem foi utensílio e não destino; a informação que foi limitada segundo as conveniências dos que, deste ou daquele grupo, detinham o poder; e os sistemas e instituições em que o terror do mistério foi mais forte que o seu apaixonado amor.

O reino que virá é o reino daqueles que foram crucificados em todas as épocas, por todas as políticas e por todas as ideologias, apenas porque acima de tudo amavam a liberdade e a consideravam, não ao medo, às restrições e à força, como o grande motor do mundo; o reino daquele Deus que viam definindo-se fundamentalmente por não obedecer a nada e a ninguém senão à sua divina natureza; e reino que desejam para homens que não sintam obrigação alguma que não seja a de se aproximarem quanto possível da divindade de ser livre, livre no viver, livre no saber, livre no criar.

No futuro que chega e se adiantará na medida em que o quisermos nós todos e o incorporarmos desde já à nossa existência, dentro de todas as limitações e sofrendo de todos os embates das ordens que estão condenadas a desaparecer, mas que, agonizando, ferem, educação não poderá

ser mais do que o fornecer a cada um tudo o que solicite para que a sua pessoa se possa desenvolver e afirmar; repetindo a afirmação de que se nasce bom e capaz de tudo o que signifique amor pela vida —, até que dois versos se tornem realidade e se transforme o amador na coisa amada e todos achem que é sempre curta a vida para o longo amor que, livre, em nós, já livres, arderá —, a educação não terá nenhuma outra tarefa senão a de deixar que a bondade inicial esplenda e seja. Resumindo, diria pensar que a natureza humana, mais do que boa, é excelente; que a sociedade, e nela a educação, ajudando o homem a sobreviver, o tem limitado, e muito, no melhor, que é o seu ser livre; mas que o pior passou e que todo o sofrimento e toda a treva serão apenas pesadelos finalmente em paz e luz desfeitos.

2

Teremos agora que definir outro termo, o de Portugal, e talvez fosse bom, antes de mais, citar outro poeta, o que pode parecer extravagante num trabalho em que se ocupa essencialmente de educação e em que mais viria a propósito falar de psicólogos e políticos, de sociólogos e, até, de técnicos de educação; se se trata, porém, de salvar a criança que nasce e de proteger o mais possível o que da criança ainda sobrou no adulto, apesar dos nossos sistemas escolares, então mais adequados estarão os artistas como criadores, por não terem tido medo da vida, do que os sábios que apenas conquistaram saber, o que é diferente de fazer ciência, e o fizeram talvez somente para, com a erudição, proteger suas esterilidades e obedecer a seus medos de agir.

Houve, pois, um poeta, Fernando Pessoa, que, pagando seus pecados de ter sido um tanto literato e parece que pedante às vezes, caiu nas mãos de professores e críticos, quando devia ser quotidiano manual de educadores e políticos, e que, tendo podido ser inglês com toda a largueza do mundo a seu dispor, escolheu ser nosso, preferindo por aí, num acerto de inteligência e de instinto, a grandeza do mundo que ainda nos não foi dado; com a simplicidade com que se enche ficha de hotel, escreveu ele que a sua Pátria era a língua portuguesa, e, com a percepção do mistério que um dia encarnará, rogou a Deus que se cumprisse Portugal.

Ora o Portugal de que tratam em geral nossos economistas ou nossos pensadores ou nossos reformadores pedagógicos já está realizado e com um êxito político de que é o Brasil segunda prova; juntar numa

unidade permanente dois países tão distintos um do outro como o Norte e o Sul, fazendo dela a nação mais antiga da Europa e provando, pela tarefa pronta, a capacidade de outras unidades que estarão no futuro, foi o primeiro grande feito de portugueses, herdeiros aí do génio romano para a agregação e a paz. Portugal é uno do Minho ao Algarve; dir-se-ia até que foi uno demais, porque excluiu judeus e mouros e viu como inimigos, em todas as épocas a partir do século XVI, os que se recusavam a pensar exactamente como quem dominava; só o cepticismo liberal abriu curto intervalo, com outros inconvenientes sociais e políticos; mas, apesar de tudo, se tornou indissolúvel a nação em cujo construir se juntaram ecologia, economia, a vontade dos homens e aquelas causas finais que os meio-sábios rejeitam e para as quais conviria reabilitar Aristóteles.

Pondo, pois, como sua pátria a língua portuguesa, tanto era Pessoa lisboeta como de São Luís de Maranhão, e o era sobretudo de um futuro sonhado, de uma Goiânia e de uma Brasília, pois não tinham surgido à flor de terra; e talvez ainda fosse mais de além-mar do que dos Tejos domésticos, por de natureza e gosto pertencer à raça dos portugueses que emigraram porque não quiseram submeter-se ao direito romano, que fez grande D. João II e era anticristão; à economia capitalista, que tornou o Venturoso falsamente rico e era anticristã; e ao cesarismo papal, que deu felicidade paradisíaca a D. João III e, por anticristão, um Pontífice Santo pôs de parte no Vaticano II. Outros ficaram, por vocação ou circunstância, e o pagaram morrendo em Alcácer, ardendo nos autos de fé, e até se deleitando com os marialvismos de D. Miguel, presos a tão difícil destino, — casos que o Adamastor contou futuros —, que nem 1640, nem D. João VI no Brasil, nem o desembarque no Mindelo os puderam livrar.

Mas só um pouco, pelo Ricardo Reis, se importou Pessoa com o Brasil; o Martinho o prendia demais e não é nos cafés que Portugal se cumpre. Foi pena que não tivesse emigrado como o das *Odes*, que provavelmente trabalhando e construindo se libertou do seu agonizante Império Romano, de sua ignorância do Cristo e de seu estéril amor por pagãs tristes de flores no regaço; o conhecimento do Brasil lhe teria dado a certeza da continuidade da cultura de Portugal, quaisquer que fossem os fados que atingissem o Portugal da Península; e, ao mesmo tempo,

lhe teria levantado o problema de saber que deve fazer esse Portugal da Península perante a grandeza de um Brasil que se prepara, por caminhos difíceis e obscuros, mas com inteira fé no seu futuro, para ser a primeira potência pacificadora e humana num mundo em que já cabem tão as industriais e militares.

Considerou de qualquer modo que seu passaporte português apenas identificava uma parte de si próprio, como o mesmo aconteceria com passaporte brasileiro; o poeta de língua portuguesa era maior que políticos de um lado ou outro e até maior terá de ser a paciência de indicar caminhos que tão lentamente se vão reconhecendo viáveis; morreu sem ter visto que uma comunidade se formasse, como não a viram nem um Vieira nem um D. Luís da Cunha nem um D. João VI, porque podem os homens imaginar e desejar o futuro, mas sua vida se passa no presente; e pena é que nele se passe tão pouco, já que o presente é o tempo de Deus. É possível também supor, por outro lado, que no século XVII ou XVIII ou XIX comunidade viesse a querer dizer apenas que Portugal passaria a ser o ultramar do Brasil, serviria interesses puramente brasileiros, como serviu com toda a política de Alexandre de Gusmão, e ficaria impedido de desempenhar o seu papel noutros continentes do mundo; o que seria errado e estéril.

História, como o melhor dos artífices, constrói com o que foi destruído; serviu a batalha de Alcácer, por armar as colunas que derrubaram os reinos negros do Níger ou deles se apoderaram, para carrear maior número de escravos para o Brasil e desenvolver o país; serviu a independência do Brasil para que Portugal, que já não tinha a rota das Índias, que se fixara no Daomé através do Brasil, que tivera Angola libertada pelo Brasil e, pelos desteros da Inconfidência, ligara Moçambique a más lembranças do Brasil, voltasse para África as suas atenções, apesar do difícil que se lhe tornava a tarefa pela inferioridade de peso demográfico, pela corrente de emigração para terras brasileiras e pelas consequências que trouxera para a economia do mundo a revolução industrial.

Deste continente de África pouco sentiu Pessoa na sua escola de Durban, tão inglesa e tão pouco africana, já precursora da realidade futura de que pouco teriam os africanos que dever a ingleses, ou a seus vizinhos holandeses; a Europa transpirenaica, que durante tantos séculos,

por nada ter que ver com ela, dificultou a vida da Península, tinha ainda menos que ver com África, onde só desenvolveria o que lhe interessava e contribuiria para criar gerações de africanos desenraizados de África, e mais prontos, por Oxford, a saber de Cleópatra do que da gente de Tumbuctu ou de Zimbabué.

Se África lhe tivesse sido presente, ali haveria para Pessoa pátria igualmente de língua portuguesa, e ainda mais importante do que a de entre Minho e Algarve, talvez mais importante ainda que Brasil, porque era toda uma pátria apenas em potência, e mais para ser construída por poetas do que por militares e políticos; muitos dos quais poetas foram para além de suas profissões ou cargos e por tal incorreram nos desagrados do Terreiro do Paço, tão inclinado sempre a julgar-se centro do mundo e dono do saber inteiro. E se a função essencial da língua portuguesa no futuro for, como parece já entremostrarse no Brasil, a de veículo de uma outra Boa Nova de entendimento entre os homens e de seu pleno desenvolvimento humano, mais a veria Pessoa, se a África lhe fosse inteiramente consciente, como tendo essa língua entre africanos seu grande terreno de afirmação e expansão, já que na América o castelhano a limita, já que, para além de Moçambique, sobre o Índico e o Pacífico, mais será ela anel de enlace do que expressão de vida inteira para quem está destinado ao hindi, ao mandarim e ao malaio.

O que importa, porém, é que já estamos bem fora da pequena casa lusitana, onde uma das praças que a habitam, a dos provincianos, que tanto ama o Rossio e tanto admira Paris, já quase se não lembra de que Portugal também abrange os Açores e Madeira, quanto mais Goa e Timor; e não é das menores provas das intuições ocultistas de Pessoa que tão carinhosamente tenha ele recolhido no poema de Caeiro, a que já fiz alusão, sobre Deus e o Menino que se fundem em seu culto e sua vida, o que poderia ter sido composto nos arquipélagos atlânticos por um festeiro das folias do Espírito Santo, um festeiro que tivesse sido tocado pelo génio.

Fora da pequena casa, mas não fora da sombra que projecta, e o termo sombra se tem de transferir do seu âmbito semântico de escuridão para o de protectora de quem tem andado demasiado exposto às inclemências de céu aberto, em Goa se fala português e é bom que português perdure, até que seja possível transpor-se o limbo que separou Nehru

de sua plena santidade cívica; em Macau se fala português, e esperamos que algum dia em Lisboa e Luanda e Lourenço Marques e Brasília, em todas as capitais da grande pátria da língua portuguesa, se aprenda bastante chinês para que duas culturas se enlacem, de fundam no que têm de mais essencial, e que é a comum atitude de filosofia vivida, actividade esta de que tão precisado está o mundo; e em Timor se fala português e voto igual ao do chinês se faz para o malaio, língua que virá a ser a daquela «vida conversável» a que, através de todas as dificuldades, há-de chegar o conjunto indonésio.

Assim como se declarou logo que não teria o livrinho nada que ver com educação no sentido comum de fazer que alguém se modele segundo o que pareceu mais desejável a quem já tinha o poder de modelar, também em nada se refere aos problemas concretos de instrução que possam apresentar as escolas primárias de Loulé ou Valença ou as Universidades de Lisboa, Coimbra ou Porto; o Portugal do Minho ao Algarve interessa-me apenas como uma parte do conjunto e até como dificilmente pensável quando separado do conjunto; Portugal está, para o que hoje existe de português no mundo, como esteve para Portugal o Condado Portucalense; e a Lisboa a vejo na posição de Guimarães: nada impede que seja amanhã outra a capital do mundo português; mas, como são ainda hoje Guimarães e o Condado, mesmo quando nisso se não pensa, a inspiração oculta de Portugal, espero que sejam Portugal e Lisboa a inspiração do mundo português.

Do mundo português incluindo Brasil, pensando-se sempre mundo português como o mundo da língua portuguesa, e esperando que Brasil e Brasília sejam igualmente um dia inspiração da América Latina, que irá a outra por caminhos diferentes. Propositadamente falo de inspiração e não de capital; gostaria que não houvesse capital de nada e a própria palavra me repugna, pela sua etimologia, a de *caput*, que aponta ao divórcio, tão fatal na história, do espírito e do corpo, e pelas desastreadas ligações que se lhe forjaram pelos tempos fora; contentemo-nos, porém, com as pequenas capitais, como faz o Brasil com Porto Alegre, ou São Paulo ou Baía, e percorra-as uma Presidência que mais seja cultural que administrativa ou política.

Sei como incluir Brasil no mundo português levanta susceptibilidades, mas bem à vontade estou para tratar do assunto, já que voluntaria-

mente, me tornei brasileiro; sei que por isso se tem falado sempre de comunidade luso-brasileira, com que se extasiam uns e outros e de que uns e outros desconfiam, essencialmente porque não concordam os brasileiros com a unidade centralizada de Portugal, embora São Paulo seja tanto a metrópole do Piauí como Portugal o é de Angola, e se assustam os portugueses com a audácia, a confiança, a enérgica juventude do Brasil; mas o nome é gasto, sabe a jornal velho e a discurso relido; e, provavelmente, não só por este motivo, como também porque é missão nossa estar abertos ao mundo, não poderemos pensar em Portugal senão como o inspirador de que, à volta da gente de língua portuguesa, se forme no futuro uma União Internacional de Povos, a que poderiam aderir mais tarde uma comunidade Europeia ou outras nações limítrofes, como, por exemplo, a África do Sul, o Uruguai, ou a China, por agora ainda periféricas, como sucede a quase todos nós, de um espírito ousado e livre de peias e receios.

3

Chama-se Pátria ao lugar em que se nasce; e, porque Pessoa nasceu em Portugal, supôs-se sempre no que precede que o escrito por ele se refere a um Portugal expandido à medida da expansão de sua língua e que a Pátria pensada se lhe alargou desde as fronteiras da Bolívia aos limites da Indonésia; e aqui trouxemos tal pensamento ou tal interpretação de seu pensamento a jeito de fábula ilustrativa ou da autoridade em que, por mau costume, todos nós gostamos de nos apoiar. Outros irão por outro lado e farão a hipótese de que Pessoa se refira ao poeta que nasceu quando, abandonando seus exercícios literários em língua inglesa, passou às exegeses e profecias de língua portuguesa; de qualquer modo teríamos a língua como pátria; mas na segunda consideração, ela seria não a pátria do homem político, com uma futura unidade portuguesa dando abraço ao mundo, mas a pátria do homem religioso e mágico para o qual o português seria a língua de um Evangelho definitivo, diria Joaquim de Flora de um Evangelho Eterno, Evangelho para um universo, não já apenas dos homens, mas de todos os seres; ao latim, língua da Igreja de uma era de fraternidade, ou, pelo menos de sua pregação e seu anelo, sucederia o português, língua da Igreja de uma era de liberdade; e de uma era ecuménica; para empregar as palavras no seu significado exacto, à língua de uma Igreja cristã sucederia a língua de uma Igreja realmente católica; quero eu dizer, Universal.

Ora acontece que, por acaso ou desígnio, venho de uma experiência, digamos geográfica e de acção, que tem sido mais larga do que a de Pessoa; e, quando se encontram pelo mundo, de Timor à Costa de

África, os milhões de portugueses que não falam português e desejam acima de tudo continuar portugueses, circunstância de que facilmente se esquecem os que limitam Portugal à tal pequena casa lusitana, ao mesmo tempo que, do outro lado, os mais retoricamente patriotas se mostram bastante indiferentes a que eles falem ou não falem português; quando se encontram na Europa ou na América ou na Ásia os emigrantes que desaprenderam a sua língua por lhes não ter sido dada nenhuma espécie de apoio cultural, todos os serviços responsáveis, e que, no entanto, continuam portugueses, de coração ou de direito, com a mesma persistência e a mesma melancolia que em suas terras natais de seus avós herdaram; quando, por outra parte, vemos o Daomé, um dos mais dignos, conviventes e infelizes países da África, solicitar a Pedro II que o Brasil o tomasse sob seu protectorado, o que, como era de esperar do erudito burocrata, teve resposta negativa, e, em nossos dias, com a Universidade da Baía, lançar as bases de um acordo para que juntos se ocupem de São João Baptista de Ajudá, aí conservando a lembrança da acção de portugueses; e quando o Brasil, onde floresceu o que de melhor havia em Portugal, aparece como uma terra de promessa, e isto apesar de todas as incertezas, à gente de países tão desenvolvidos como a Alemanha, a América do Norte ou o Japão, e como modelo de convivência racial a nações que têm problemas de contacto; quando se procura o ponto de convergência de todas estas atitudes, principia-se pensando se podemos conservar a ideia de Portugal como o conjunto de povos que falam português ou se a temos de encarar como uma forma de ser, elevada já de categoria social e psicológica a categoria metafísica ou religiosa, forma de ser que appareceria como desejável a todo o mundo, e que portugueses, esses agora os dos povos de língua portuguesa, a todo o mundo deveriam levar.

Quando se fala de pensamento português, raras vezes os nossos intellectuais, vítimas de um sistema de educação que, tendo por base uma economia de falsas aristocracias e por objectivo a imitação de modelos estrangeiros condenados a desaparecer, pois temos ido quase sempre atrasados e quase sempre à fonte errada, fatalmente os separa do povo e lhes faz ignorar e desprezar o povo, raras vezes, pois, têm eles procurado saber que pensamento elaborou e adoptou o povo, não como uma ideia a que se adere, que assim têm ido em geral as filosofias de oci-

dente, mas como uma ideia que se é, a exemplo de Sócrates, cuja santidade só foi perturbada por uma maliciosa inteligência de advogado, e a exemplo de todos os santos que houve depois, em estoicos ou cristãos ou ateus, que é Deus bastante grande para até não ser quando alguns dos melhores assim o preferem.

Perceberam já os que têm algum hábito de me ler ou escutar que vou trazer de novo a terreiro o culto popular do Espírito Santo que, já para não citar o Brasil, visto que estou escrevendo especialmente para os portugueses de territórios juridicamente portugueses, é a religião viva dos Açores, tão viva que me parece que a obrigação essencial dos açorianos deveria ser a de irem pelo mundo como missionários do seu culto; e como, exactamente à maneira do que já sucedeu com a doutrina de Cristo, precisam os homens, enquanto considerarem a razão como sua faculdade essencial, de uma filosofia, que seria neste caso uma teologia, bom seria que os nossos aprendizes de filósofo ou os nossos filósofos diplomados dessem descanso a seus pensadores mais em moda ou as suas arqueologias filosóficas e procurassem pelo menos imitar o que fazem, quanto ao Espírito Santo, teólogos de força pondo em racional o que o povo sente e, na medida em que o pode, faz. Acresce a tudo que, como estou convencido de que, por se tratar do Absoluto, é impossível vir a elaborar-se uma integral teologia do Espírito Santo, fico bem descansado quanto à eventualidade de estragarmos, com mais uma filosofia, o que é, e tem de continuar a ser, comportamento puro.

Como sei, por outro lado, que o falar-se de Espírito Santo implica nuns o receio de heresias, porque até a isso se chegou, poder ser considerado herético o culto do Paracleto, e noutros o ressaibo de interpretações paroquiais que andaram tantos séculos de acordo com os interesses dos poderosos e hoje mostram ainda tanta resistência a reformar-se, deixaremos de lado o nome, que pouco importa, e examinaremos o que o culto inclui.

Em primeiro lugar, uma afirmação quanto ao campo económico: é preciso que haja para todos a segurança da subsistência; não sabe naturalmente o povo qual o sistema económico que se deveria adoptar, embora saiba que tem de ser um em que irmão não lute contra irmão, em que as forças se não gastem na concorrência em lugar de se unirem para a produção cada vez mais abundante e melhor, e em que a fraternidade

cristã não seja uma palavra vazia; não distingue corporativismo de cooperativismo, socialismo de capitalismo, mas distingue muito bem fome de comer, vestir-se de andar nu, ter casa de se abrigar em latas, ser independente e digno de ser humilhado e ofendido e tão magoado pela agressão como pelo paternalismo; disso sabe e não quer. Português se fez, como toda a gente, para ser economicamente livre e qualquer liberdade lhe significa pouco se não tiver a de estar fisicamente vivo; mas fez-se também, e é essa uma das grandes afirmações do Brasil, para não considerar que o trabalho seja um valor absoluto: o trabalho é apenas uma desagradável necessidade enquanto nos não é possível viver em tempo todo livre. Todos os sistemas económicos, capitalistas ou socialistas, em qualquer das suas formas, são imperfeitos porque obrigam a trabalho, têm limites de produção, exigindo muito de todos, dão pouco a cada um, e criam inevitáveis conflitos entre consumidor e produtor; apenas podemos achar um sistema melhor do que outro na medida em que se possa por ele caminhar para a produção automática e o consumo livre; haverá durante algum tempo a colaboração, nacional e internacional, de capitalismo e socialismo; dará o primeiro ao segundo a, apesar de tudo, herança de liberdade e invenção, dará o segundo ao primeiro a sua descoberta da segurança; depois, a propriedade privada — que consiste essencialmente em que a minoria priva de propriedade a maioria — passará a propriedade colectiva, com os seus males, quando em grande escala, da burocracia e dos planos centralizados; e haverá finalmente no mundo, a não-propriedade, para todos, de qualquer meio de produção ou de transporte. Este é o Paraíso em que pensa e que deseja o povo português e que nós temos obrigação de o ajudar a atingir; se ele é plenamente atingível ou não ignora-o o povo e ignoro-o eu; e não há prova alguma científica de que o seja, como não há prova do contrário; movemo-nos aqui no terreno da Fé; diríamos, pois, neste ponto, que a felicidade económica é, para o nosso povo, religião; ou uma parte da religião; para ele, e, apesar de minhas inferioridades quando comparado com o povo, para mim também.

Em segundo lugar, o Espírito é pomba limpa e bela que voa livre, ficando desde logo eliminada toda a semelhança que pudesse haver com a pomba feia, suja e cativa do *Oitavo Poema* do Caeiro, cuja fealdade e cuja sujeira vêm essencialmente de ser cativa; porque é ela cativa?

Português foi cativo também do seu minúsculo país enquanto não descobriu sua móvel asa de caravela, e quase cativo ficou depois, quando a substituiu pela fixa, ou quase, asa dos navios de pimenta e açúcar; libertou-se conhecendo as correntes do ar e do mar e nelas se livrando, podendo ir e voltar quando queria, numa conjugação suprema de sua vontade com a vontade da natureza; mais tarde as asas na Europa, se recolheram, ou lhas recolheram França, Itália e Alemanha; pousou, e sobre ele veio a poeira da servidão nos campos e da hipocrisia nas cidades, poeira que o sujou com sua imensa, inapagada mancha de ignorância. Portugal se distingue, nos séculos XVII e XVIII, por ignorar; os intelectuais não sabem e não o sabem; o povo, ao menos, sabe que não sabe; os intelectuais desprezam o que não sabem, o povo prezaria sabê-lo; no pombal dos intelectuais só moram pombas cativas, qualquer que seja a cor da plumagem; no pombal do povo nem uma pomba objectiva e real; há apenas a pomba do culto e do desejo; a pomba da Fé. Se o Paraíso, a Idade de Ouro do futuro, não pode existir sem uma economia que garanta a liberdade, não existirá também sem o saber, sem a mais completa, segura, científica informação sobre o mundo; o que vai, em qualquer regime, contra todas as limitações que se oponham à notícia, à frequência da escola e à contínua insatisfação com o que já se adquiriu como ciência. Torna-se a levantar, como para a economia, a questão do possível; talvez haja apenas a aproximação do limite, não o instalar-se nele; mas é isto, exactamente, religião; e, quanto ao povo, de religião se trata, qualquer que seja a sua outra, instituída, respeitada e seguida; aqui ousaria pôr-me eu também como sendo do povo.

O ponto fundamental do culto popular do Espírito Santo não é, porém, nem o banquete comum e livre, nem o soltar de presos, nem a procissão que segue a Pomba, no estandarte ou coroa; é a instalação de uma criança como Imperador do mundo. No Paraíso terrestre que se quer dispensam-se os adultos de todas as funções dirigentes que têm tido até hoje e se declara mais importante que tudo quanto possa ter sido na vida o menino que foram e tão infelizmente morreu; declara-se que todos os Imperadores de qualquer Império declarado Santo pela vontade, os interesses e os apetites dos homens, devem ceder seu trono às características infantis de atenção contínua à vida, de existência total no presente, de ignorância de códigos, manuais e fronteiras, de integração no

sonho, de valorização do jogo sobre o trabalho, de simpatia pela cigarra, que logo a nossa escola substitui pelo aplauso à formiga, já que uma convém à alegria, apenas, e a outra ao lucro. Entrega-se ao Menino, e aí está Jesus com suas parábolas dos pequeninos, e aí está São Francisco com seu presépio, como aí estão os Zen com seu transcender de convenções, entrega-se às crianças, para que com ele brinquem e nós com elas brinquemos, o mundo que, afrontando tanto mal e a tanto mal nos arriscando, conseguimos construir. Ainda, neste ponto, prova nenhuma de que seja possível algum dia readquirirmos nossa infância; puro artigo de Fé do nosso povo; dele, e meu, se digno.

4

É religião, portanto, o que Portugal, explicitando-a, tem que dar a si próprio e ao mundo, indo para além de simbolismo e rituais e entendendo que, só cumprindo-se inteiramente o homem, se pode inteiramente cumprir o Espírito; não há religião alguma que possa ser, excepto para raros, contemplação pura, adoração sem exigência de retorno, paz para além de todos os medos e todos os divórcios, enquanto o conjunto da humanidade não tiver o suficiente para viver, não puder livremente tomar conhecimento do mundo e não tiver consigo o domínio do sonho; educar Portugal, o pequeno Portugal da Europa, o maior já de África e de Ásia, o imenso da América, e educar cada um dos homens que o constituem, pretos, vermelhos, amarelos, é dar os meios de não ser afinal frustrada cada vida que nele nasce e de fazer que cada uma delas seja, para o resto da humanidade, a luz de entendimento que nenhuma técnica dá, mas que todas elas permitem libertar.

Religião que se tem de exprimir na língua portuguesa, a qual é essencial ensinar a todos os portugueses, pondo nisso o esforço imediato, fazendo que a falem, a falem bem, com a repousada gravidade e a música vocálica que lhe é essencial e a carinhosa doçura e a malícia que o além-mar lhe acrescentou, e com toda a riqueza de vocabulário que sua condição planetária lhe deu; que a entendam lida, já, que apesar de todas as formas novas de comunicação que representam um avanço de cultura e tirarão a humanidade dos hábitos mentais do liberalismo alfabético, ainda se escreve no mundo, existem bibliotecas e durante muito tempo se escreverá, quantas vezes demais; e que pela língua escrita saibam

comunicar consigo próprios e com os outros, sem que sintam em si essa diminuição de humanidade que é o ser analfabeto numa sociedade que o marginaliza.

Religião que não é mais uma entre as outras, mas o aviso de que todas elas são um sinal de Deus, um esforço de chegar a ele e um permanente desejo de que nele se fundam os homens com tudo o que foi vivo no passado, mesmo que o próprio passado seja morto, tudo o que é imaginado no futuro mesmo que seja o próprio futuro imaginário. Repete o Espírito, absoluto de existência, que Deus tanto está na missa cristã como na ablução muçulmana, tanto se manifesta pelo orixá africano como pelo taoísmo chinês, tanto resplende nas danças do Xingu como nos mitos de Timor; repete, ao considerar os ateus, e não esquecendo que são ateus os budistas, ao considerar os agnósticos ou os que se dizem anti-religiosos, quando são apenas contra o explorar-se o que é religioso com objectivos que o não são, repete o Espírito que Deus brilha no reverso das medalhas exactamente como no anverso; e repete o Espírito que sendo obrigação essencial de cada um converter-se à sua própria religião, numa vontade contínua de aperfeiçoamento seu e dela, nunca será plenamente religioso se não entender cada uma das outras religiões como se sua fosse.

Parece disposto o Império português, e aqui se toma Império no seu sentido açoriano de lugar que se serve e não daquele em que se manda, parece disposto o Império, nas malhas que teceu e que não são apenas de fatalidade, para que demos nós consciência ao mundo de que ecumenismo não consiste no lento negociar de tratados de acomodação entre arqueologias sobreviventes nem se resume a ecúmena à porção limitada de hemisfério norte em que mais se enraizou a mensagem de Cristo, dando-se aqui de barato que são já de Cristo as Igrejas Cristãs e não apenas o vagaroso, doloroso, quase sempre interrompido esforço para que finalmente um Deus possa fazer coincidir seu Descimento da Cruz com o descimento da cruz que desejamos para todos os homens.

Ecumenismo consiste em ver todas as religiões como os vários aspectos da religião portuguesa, e por Portugal esperemos que humana, da religião do Espírito, que um dia, na sua forma última e pura, abandonará todos os ritos pelo de viver a vida graciosa, trocará todas as orações pelo perder-se em Deus, e, tendo atingido a realidade, Ihe serão

sacramentos símbolos só. O ecumenismo português tem que se afirmar pela igualdade de tratamento teológico e político de todas as religiões que Portugal contém, tratamento consequente ao ver-se claro que pode muçulmano ensinar a cristão o que é a Fé, pode cristão ensinar a confucionista o que é a Esperança, podem todos juntos ensinar a todos, procurando que os outros estejam sempre melhor e sejam sempre melhores e tenham sempre o melhor, o que é a Caridade. Ecumenismo não é contrato, é vida; vida plena e cogulada, como Deus a quer.

Desde que o ponto de partida é o espaço português, o primeiro problema que se põe, visto que há limites fixados, é o de entender com clareza quais são as relações futuras com os países que lhe são vizinhos, relações que não podem ser senão as que conduzem a uma colaboração perfeita no sentido da paz; tem de haver um esforço inteiro de Portugal para que as guerras acabem, mesmo as que lhe façam, sem que o recusar-se à guerra signifique a perda da menor parcela que seja de território de língua portuguesa; os próprios que se perderam quando já se ia tomando consciência da missão de Portugal se têm de recuperar para nosso âmbito cultural e para base de apoio à tarefa missionária a que se tem de ir.

Política externa tem de principiar por definir nossa posição na Península, reportando-nos ao que foi quando judeus, cristãos e muçulmanos conviviam do Mediterrâneo ao Atlântico; quando em Toledo se celebram num mesmo recinto os três grandes cultos de Cristo, Moisés e Maomé; quando se teve com o Califado um dos poucos períodos da história que pode ombrear com o de Péricles ou o dos T'ang; quando ensinámos à Europa os algarismos, a álgebra, a filosofia grega e a geografia árabe; e quando dela nos conseguimos defender derrotando Carlos Magno, mas deixando infelizmente nas Astúrias todas as sementes visigóticas que deram depois a chamada Reconquista Cristã, que foi Conquista e não foi Cristã, e, juntamente com a réplica almorávida, trouxe para a Ibéria a intolerância e a ferocidade de opiniões que tanto a perturbou.

Tem, no entanto, de se entrar em linha de conta com tudo o que a História foi depois, com todos os imperativos actuais da economia regional, das relações com a Europa, a vasta Europa Cultural que se estende desde São Francisco a Vladivostoque, e as ligações com os povos da

América Latina, da África e da Ásia que querem ascender à partilha das riquezas do mundo e em cujo conflito com as nações ricas podemos nós desempenhar papel de mediador e de promotor de concórdia. Não parece, portanto, possível outra solução que não seja a de se ver no Portugal Peninsular o catalisador de uma verdadeira, ampla e confiante Federação Ibérica em que entrassem igualmente o esporão de Gibraltar e, pelas Praças de África, o Magrebe Ocidental, para que afinal cesse de derramar suas lágrimas o Rei de Granada e se desencantem as Mouras do Algarve. E, já que da Península se trata, pensemos nos judeus exilados, nos sefaradim que conservaram as chaves de suas portas portuguesas e que hoje, se os apoiarmos em suas posições israelitas, podem ser a base de uma paz no Médio Oriente em que não haja os xeques de petróleo nem os militarismos prussianos.

Parece, por outro lado, nunca se ter pensado no que podem fazer para um entendimento com os Estados Unidos da América do Norte, entendimento activo com um grande País e com o seu vizinho Canadá para que saiam de dificuldades internas que podem despedaçá-los, as centenas de milhares de açorianos, madeirenses e cabo-verdianos que para eles têm emigrado. Tudo fez parte, na verdade, de uma indiferença mais vasta por todos os nossos emigrantes, que parecem só ter interessado, desde a independência do Brasil, na medida em que puderam contribuir para o equilíbrio do orçamento do Portugal peninsular, e até, mais reduzidamente, do Portugal de Lisboa e do Terreiro do Paço. Saíram do espaço português inteiramente despreparados para tudo que não fosse substituir, nas mais baixas ocupações dos países onde chegavam, os que delas se libertavam pela ascensão económica; não sabiam ofício algum que realmente os pudesse valorizar, ignoravam tudo e, mais que tudo, a si próprios; não se sabiam portadores do Espírito e seus natos missionários; ninguém os despertou para tal, porque quem os poderia preparar há muito que vendera sua alma aos Faustos da Europa, além de tudo revenda de alma com grande abatimento; não foram, como deviam, para ensinar a ser gente, para capatazes de humanidade; foram como escravos, para a consabida humilhação e ofensa; e talvez escolas de emigrantes devessem ser as primeiras escolas novas que haveria a fundar em Portugal; no Portugal pequeno do Minho ao Algarve e suas Ilhas, que pouco emigram os outros, se exceptuarmos os mineiros de África.

À semelhança de Portugal na Península, veríamos a Guiné como o ponto central de uma Federação dos pequenos países do Golfo, com a imensa importância de ser o lugar certo de uma experiência de organização em que tão numerosos e diferentes grupos de população pudessem conviver, mantendo as suas línguas nativas, em que se lhes devia fazer a primeira alfabetização e em que se exprimiria a vida local, mas tudo fazendo para que fosse o Português, como deve ser em qualquer parte, língua de cultura, de comunicação intertribal e internacional, língua de acesso ao grande papel que todos os africanos têm de desempenhar na organização do mundo, ensinando, ou relembrando, ao branco, todas as características de veneração da vida, de aceitação humana e de paz interior que tanto parece ignorar ou ter esquecido; branco tem de pôr de parte a ideia do século XIX de que é professor de selvagem; far-lhe-á muito bem que passe a ser aluno de gente primitiva, tão próxima da natureza e da criança; e nisto só português pode ser o intermediário; a verdadeira ONU e a verdadeira UNESCO só de nós podem surgir, só de nós devem surgir; formadas pelos povos, não pelos governos.

A experiência de Portugal, dos Arquipélagos Atlânticos e da Guiné, nas suas ligações ou contactos com Europa e África, com brancos, pretos e os mestiços de todas as raças que somos pelo mundo, se transferiria a Angola e Moçambique, que, na medida em que resolverem, como o resolveu o Brasil, só que em termos inversos, o problema inter-racial, objectivo que só se atingirá pelo desenvolvimento económico e educacional, serão as forças essenciais de agregação e colaboração total de uma África Austral que englobe, e sob sua guia, a União Sul-Africana, a Rodésia, o Malawi e o Congo, cabendo a Angola toda a especialização na vertente do Atlântico Sul e percebendo Moçambique que a real fronteira entre Ocidente e Oriente não está na linha do Oder e na neutralidade da Áustria, mas na grande fenda tectónica da África Oriental e do Oriente Médio e que a missão de Lourenço Marques é a de ligar o que vier do Atlântico com o que se faça no Índico e Pacífico.

Espera-se ainda que Brasília, onde se retomou a tradição das bandeiras, interrompida desde o século XVII, e onde, afinal, a Embaixada de Portugal sacudirá o espírito de inércia que sempre a manteve como embaixada quase só junto dos portugueses do Rio, dê forças aos governos que vierem para que tentem estabelecer relações económicas, cul-

turais e políticas que transponham as fronteiras de Raposo Tavares e tracem do Rio Grande, no México, à Terra do Fogo, na Argentina, o espaço imenso onde possa enriquecer-se e ressoar para o mundo o que for, na Europa, resultado dos contactos de Portugal com seus vizinhos peninsulares. Dando-se a universitário o significado que foi perdendo de se referir a estudos realmente universais e à unidade de espíritos aos quais acima de tudo interessa a verdade da vida, dir-se-ia que Macau e Timor deveriam ser os centros universitários de ligação da cultura de língua portuguesa com a cultura chinesa e a cultura indonésia, como uma Goa, restituída à sua dignidade indo-portuguesa, o poderia ser com a cultura do subcontinente, tanto do lado de Carachi como do de Nova Deli; já para não falar no que pode ser criado, ou recriado, em Malaca para a península indochinesa, em Nagasaqui para o Japão e a Coreia. Terras todas elas a que foram e em que se instalaram a imaginação e a audácia portuguesas, tão desprezadas depois, quando, a partir do século XVI, se alargou, de Coimbra a Lisboa, o preceito de só falarem os mestres e obedecerem os súbditos, quando bom teria sido que falassem os súbditos e, obedecendo, os apurassem os mestres.

5

Melhor será, porém, que todos falem e cada um se cale para poder ouvir o que dizem os outros e, na medida em que isso esteja na sua capacidade, os ajude a matar as saudades que têm do que foram ou poderiam ter sido ou, se ainda se iniciam, lhes tire do caminho todos os tropeços que os poderiam deter e aniquilar. Se a missão de Portugal, da pátria de língua portuguesa tão intensamente entendia que para mim sejam pátria em sentido restrito Moçambique ou Baía, mesmo que nascido em Portugal, e em mim floresça a cultura de um negro tão fortemente como a minha; se a missão de Portugal, âmbito da religião do Espírito, tão profundamente vivida que seja eu muçulmano mesmo que batizado, é a de organizar a paz do mundo, nada poderá ser feito sem que, dentro dele, tenham paz os homens que o formam e se possam entender em si e entre si para que a tarefa se cumpra e, cumprindo-se a tarefa, se cumpra Portugal. Paz que de modo algum será, se a liberdade não for, para tudo, a base essencial.

Considerando, com a atenção que a qualquer ideia se deve, todos os argumentos que se podem formular sobre outras espécies de norma social; reconhecendo quantas vezes na história a liberdade gerou desordem e foi necessário, para que a marcha se mantivesse coesa, usar de autoridade; verificando que os países que se estão desenvolvendo o fazem com regimes em que a liberdade não é elemento essencial; nada negando do que tem acontecido e está acontecendo, o que se pode ter como seguro é que não será por esses caminhos ou, pelo menos, nesse ambiente que o Espírito estabelecerá o seu reino.

Portugal tem de se arriscar à liberdade, por mais que as outras nações sigam estradas contrárias e mais ainda na medida em que as seguirem, porque maior terá de ser o nosso esforço para os tirar até dos próprios êxitos a que tenham chegado; se é o nosso ideal a liberdade, só pela liberdade o poderemos atingir, que todos os outros meios emperram em si mesmos; se é o nosso ideal o inventar da vida, de modo a não esbararmos com as existências previsíveis logo de início que já afligem e embaraçam muitos dos povos que poderíamos considerar como dos mais progressivos, tem a vida de ser inventada todos os dias, e pela única invenção que é força, a nossa própria.

Tem cada homem de caminhar para seu irmão com a ideia de que, se não vale ele mais, vale, pelo menos, o mesmo e lhe não tem, portanto, de ditar normas algumas como se fossem as melhores ou as únicas, mas comparar o que pensarem um e outro e tentar tudo para que, se a verdade se não revela, se estabeleçam os compromissos que a vida exige, já que não somos sós no mundo. Não porque no fundo sejamos cépticos, como talvez no liberalismo clássico, mas porque acreditamos na pluralidade infinita do espírito, estaremos preparados para encontrar com amor o que de mais diferente nos apareça, para incluir na nossa experiência a experiência dos outros e para verificarmos sempre se não terão eles mais razão do que nós e não são os caminhos deles os que deveríamos tomar como mais apropriados ao que somos, sem que deixemos, no entanto, de ter firme o pensamento de que compete a cada um a sua estrada e de que são bem diferentes a companhia e a subordinação.

Principiaremos no soltar de amarras pela discussão do sistema económico mais próprio para que a economia, ainda tão deficiente nos processos de distribuição muito mais do que na quantidade e na qualidade da produção, não pese tanto como tem pesado até agora sobre nossa existência; repetiremos sempre que são imperfeitos todos os sistemas de economia que ainda tenham que racionar no distribuir e de obrigar no trabalho para produzir e teremos sempre como objectivo a alcançar o de fazer que o trabalho só fique com quem dele fizer seu ideal e o de que o produto de consumo esteja, sem preço, ao dispor de quem dele precise; e repetiremos ainda uma e outra vez que as técnicas nos trouxeram já ao limiar dessa época de abundância e que são as imperfeições do

sistema económico, o perdurar de mentalidades anacrónicas, as preocupações de guerra o que impede os homens de plenamente fruir do que inventaram os homens.

Mas o caminho do perfeito passa pelo imperfeito; e, no imperfeito, a única perfeição que se pode fazer florir é a de que o expediente de que se lançou mão agrade ao maior número possível de homens e os satisfaça, mesmo que julguemos nós, com ou sem razão, que já poderíamos estabelecer o melhor quando eles se contentam ainda com o rudimentar e o tosco. Urge, portanto, que se não imponham remédios prontos; exactamente como hoje se estão encontrando inconvenientes nas especialidades farmacêuticas que, por estarem em doses médias, não satisfazem a doente algum, e se pensa, como não obsoleto, no velho médico que ia compondo sua receita, têm os sistemas de partir de baixo e não de cima, embora se assistam os interessados com todo o saber, toda a experiência de que se pode dispor, e coordenem os dirigentes o que se fizer num lugar ou num domínio com o que for realizado noutros pontos e noutros assuntos.

Lembremo-nos de que Portugal, o pequeno Portugal donde tudo nasceu, foi na sua melhor época, na única época boa que até hoje teve, uma federação de repúblicas constitucionais, as do foral, coordenada por um rei, igualmente constitucional; e como é na fonte que se tem de purificar a água, como é na vara torta que se tem de corrigir a torta sombra, passe-se por cima de tudo o que houve de D. Manuel ao Marquês de Pombal e tenha-se de novo fé no município como base de acção, sabendo desde já que na África o município se chama tribo e no Oriente se chama aldeia; reflecta-se em que quando no Brasil se reclamavam direitos municipais, com especialização nos do Porto, que fora a mais perfeita das repúblicas, e esses direitos se conseguiam mesmo com os que mais oprimiam na então metrópole, não estavam os homens com saudades do passado, mas com o sentimento vivo do que era preciso fazer no presente para assegurar o futuro: se Império e República tivessem seguido a tradição, em lugar de mergulharem num centralismo cada vez mais exigente, outra poderia ter sido a posição do Brasil, dentro de suas fronteiras e na sua acção exterior.

Devem ser, pois, os municípios, como devem ser aldeias quais as de Timor ou tribos quais as da Guiné, incluindo a tribo dos brancos,

que terão de proferir a primeira voz na resolução dos problemas colectivos, escolhendo as soluções técnicas que acharem mais adequadas dentre as que lhes forem presentes, porque devem estar técnicas e técnicos ao serviço dos povos, não como seus donos, ou pastores de peru; devem ser os municípios que deleguem os poderes para que se resolvam os caminhos de Portugal, aqui se entendendo o pequeno e o grande, que devem ser sempre caminhos de convergência para marchas de coordenação, nunca obrigado trilho para quem vê sua vida como mais feliz noutras estradas. Fique o homem com a certeza de que está construindo sua vida, não entregando-a aos outros para que lha cortem por modelos; é como dirigente que o cidadão se afirma, não como dirigido; e, se de competência se trata, a competência basilar é a de saber cada um do que gosta ou do que não gosta.

Liberdade primeiro e com ela economia resolvida, pelo menos resolvida no projecto, pois que virá tempo, e muito, de permeio entre o plano e o seu resultado; mas tenha-se logo de princípio a ideia de que tem o povo absoluta competência para comer; há muito quem pregue que é preciso primeiro educar o povo, para que depois coma, dando como resultado que têm sido os cemitérios o único real descanso de muitos da nação; coma, e depois se eduque; porque a educação que vai valer mais, aquela de que não se têm esquecido os povos prósperos, é a outra, a de voluntariamente dispensar comida, que se fica mais leve; e, se de facto, encontrou o franciscanismo em Portugal o seu terreno de eleição, tanto para percorrer o espírito como para calcorriar o globo, é natural esperar que todos se lembrem de uma lição fundamental da vida de São Francisco e de seus primeiros amigos, a de que só vale o pobre voluntário; ao involuntário o diabo o espreita, e com o mesmo apetite e a mesma certeza de triunfo com que espia o rico que persiste em o ser.

Economia traçada em opressão, e seja qual for o tipo de economia, nada pode dar senão homens que o Espírito repele e que repelem o Espírito; ninguém sabe se sobreviverá a Santa Rússia de Dostoievski, mas tenho esperança no irreduzível amor da liberdade que, à semelhança de Deus, é essência do homem; ninguém sabe a que noites podem conduzir os jovens tecnocratas que, noutros países, prometem o dia, e talvez até o julguem alcançável por seus processos, mas tenho esperança de que o futuro se aproveite deles, no que tiverem de útil, mas finalmente

dê triunfo aos que na liberdade acreditaram. Portugal, porém, não tem que fazer experiências deste tipo; é o acordo de todos que põe a mesa nos Impérios açorianos, modelos de Portugal futuro, e é a liberdade de cada um a determinante do que consome; só a isto, em verdade, se pode chamar comunhão; e quem se exclui conseqüentemente se excomunga. E quem sabe se não é realmente onde ainda brilha mais viva a luz, porque mais se conservou e porque o âmbito é menor, que vai afirmar-se uma nova alvorada, se não é de nevoeiros atlânticos que romperão resuscitados os mortos de Alcácer que nós todos somos e daí rumarão a batalhas pacíficas que melhor se preparem do que a que deu o desastre e em que, por às vezes trazerem as lembranças do passado ou as imaginações do futuro apenas um esquecimento do presente, se não afastem os homens das decisões necessárias do aqui e agora; Ilhas são grandes, mais do que pensam ou do que lhes têm deixado pensar as estreitezas de Lisboa: o seu Imperador, porque eterna criança, vencerá e aos homens levará consigo; seus emigrantes são poderosos, porque se afirmaram no trabalho, aprenderam que são capazes de criar riqueza desde que lhes forneçam os pontos de apoio e os cerquem de liberdade, e estão em países de técnicas que têm toda a resposta ao pragmático e ao mesmo tempo o desejo de tentar toda a experiência que os liberte da sufocação na própria técnica; já foi o Brasil Império por tradição vinda das Ilhas: mas império de escravos, o que lhe dava pés de barro; Mindelo, porém, dos Açores veio, o que já é sinal, mas tingido demais por liberalismos económicos que em todo o mundo resultaram no fabrico e opressão dos pobres e por liberalismos políticos que nos jogos de cacicagem estavam tecendo novos tempos de força; venham as Ilhas e comandem.

O espantoso de Portugal, no seu conjunto, com o povo do Minho e do Algarve, povo do Pará ou do Rio Grande, povo da Lunda ou de Sofala, povo da Taipa ou de Baukau, e até povo dos «papeamentos cristãos» de Singapura ou Curaçau, é que se tenham resistido praticamente incólumes a todo o desvario de vida que tem rolado de imitação a imitação, de barreira a barreira, e de engano a engano, sempre com a ideia, não das limpas, constantes asas que todos vejam bem claras no céu, mas das trocas de falcão e coruja em que foi mestre o Príncipe a que historiadores do mesmo naipe chamaram de Perfeito; o miraculoso destes povos todos, alentejano ou macua, kamaiurá ou malaio, é que tenham

sobrevivido a séculos da contínua tentativa de deformação que têm sido os nossos sistemas políticos, as nossas instituições educacionais e as nossas práticas religiosas, tudo de acordo com um capitalismo que repugna às suas tendências de generosa solidariedade; que tenham ultrapassado, sobretudo, os exemplos que tantos de cima tanto lhe deram.

Exemplos que não podiam ser outros: afastados do povo a que deviam pertencer e que deviam servir; querendo-lhe mal como a parente pobre e ignorante que importuna e humilha a quem subiu; repelidos por sua vez, como era fatal, pelas culturas europeias, que têm outras origens, outros comportamentos e principalmente outro destino — o da falência; caem no sentimento de que são inferiores a si próprios e a ele reagem, fantasiando virilidades que não tiveram, representando valentias de que não deram provas, orgulhando-se de obras que sentem ruins, intitulado-se o mais possível, condecorando-se o mais possível, falando o mais possível, fotografando-se o mais possível; inferiores o mais possível porque se quereriam superiores; e, julgando-se incuráveis, mais delirando a cada dia que passa; dando-lhes até às vezes o delírio para a humildade circumspecta, isto é, a que olha à volta; e para a falinha comedida, isto é, a calculada e mansa.

6

No entanto, se enganam porque ninguém é incurável e muito menos eles, que vieram para a vida em lugar de missão; basta que surjam os tempos adequados e a tarefa que realmente os chame para que todas as aparências e os vãos entretenimentos num instante se dissipem, convertendo-se os inúteis em perfeitos instrumentos de acção nos caminhos e segundo as forças por que a História se faz e que tão mal conhece o homem; tudo rola como se houvesse apenas o capricho de acasos, os acontecimentos incontrolláveis e as quotidianas surpresas de ver como respondem mal os factos à maioria das acções que pretendiam provocá-los e como a cada momento se encontram os políticos perante a misteriosa jogada com que não contavam e os desafios em grande escala a que tem de responder sua pequenez humana; consiste então o mérito em não abandonar a banca de jogo e a sorte em que à previsão feita se ajuste o que venha a suceder.

Apenas o que se sabe de seguro é que todo o passado se resolve numa lenta, incerta caminhada para um futuro de cada vez maior conhecimento do homem em si próprio e da humanidade que o cerca; de mais seguro domínio das forças físicas que nos ameaçam destruir e de que vamos fazendo os elementos obedientes de nosso avanço; de maior entendimento de nossas possibilidades de criação e de nossas reacções psicológicas; de maior insatisfação com as deficiências de toda a vida que somos obrigados a viver; de mais fundo desejo de que deixemos para trás bem depressa os tempos em que a força pode valer mais do que a inteligên-

cia e a sensibilidade; de maior esperança de que finalmente entremos naquela Jerusalém celeste de que as terrestres nos inspiram saudade, e por isso são belas.

Não demos, portanto, importância de maior aos acontecimentos de puro carácter político nem pensemos que o que pela política se estabeleceu é condição essencial de avanço; o que geralmente acontece é que apenas sanciona o político o que já anteriormente se estabelecera fora do seu tabuleiro de jogo; apoio a governos ou oposição a governos dependem de forças que noutros campos se elaboraram; mundo convertido pelas leis é instável e para pouco serve; a grande tarefa é a de fazer que o mundo converta as leis, que a pressão da água, à qual só compete ser água, pesar e esperar, acabe por abater a barragem. Se isto é verdadeiro para todas as nações, mais ainda o é para Portugal, onde o que importa não é o exercício da política, mas o do Espírito; onde o que se tem de fazer quanto a governos é reclamar uma e outra vez, teimosamente, sem nenhuma trégua, e sejam eles quais forem, que haja sempre maiores condições de liberdade, menos restrições económicas, mais amplas possibilidades de informação sobre o mundo, mais segura convicção de que foi feito Portugal para a Paz, que o seu Deus não é o Deus dos exércitos, que o seu Cristo não é o que foi invocado nas batalhas contra homens que por seu turno iam traindo Alá, mas sim o Menino Jesus do Presépio de Greccio, o Imperador açoriano, a Criança do Evangelho de Caeiro; a rediviva infância.

É para a tarefa de construir o que amanhã será instituição política e se deverá, portanto, ultrapassar logo, que se têm hoje de congregar todas as forças, em trabalho que até aos que se julgam inúteis deverá convocar; por critérios internacionais de desenvolvimento, Portugal é pobre, Portugal ignora, Portugal é estático; vivem desejosos de recursos, de saber e de ideal os camponeses, pescadores e operários do Portugal europeu; sofre, num subdesenvolvimento de que só agora, com Brasília a marcar a fronteira, se começa saindo, um Brasil que deveria ter transformado em realidade a ilha mítica do Brasil dos bem-aventurados nos mapas medievos e feito valer o sonho que de ilha tiveram, no meio de um mundo hostil, portugueses e índios; as tribos africanas estão longe de desempenhar o papel que lhes cabe na organização de seu continente; e o Portugal do Pacífico, quase sem vida, jaz. Nada do que é nosso cor-

responde ao Espírito, a não ser Fé, nalguns; o Espírito, porém, nos vai chamar; agora.

Para que os tais mortos de Alcácer ressuscitem tem que se principiar pela educação do povo; reforma alguma pode ser válida em cima da imensa massa de analfabetos e improdutivos constituída pelos que falam ou deviam falar português; pregação política alguma tem qualquer espécie de sentido quando se dirige a ouvidos que não ouvem e agita miragens perante olhos que cegos permanecem; destino algum histórico se pode apontar aos que não tenham noção de suas origens, nada entendam do tempo em que lhes coube existir e não vejam diante de si sorte nenhuma que não seja a de sobreviver na miséria, a de esmolar um dia ou a-de terem de emigrar como escravos para países que os não entendem e em que se não entendem; ainda que pareça o contrário, pode o povo estar inteiramente à margem da vida económica e da vida cultural da nação; as quais, por isso mesmo, só na aparência serão de economia e cultura; ignorância e carências, eis o que haverá.

A primeira tarefa essencial que existe para todos os portugueses não é a da política; ela seguirá, pelo menos nos próximos tempos, rumos em que pouco poderemos influir, tanto da parte de quem governa ou de algum modo detém poder como do lado de quem dele está excluído; ou se exclui; o grande trabalho, o tal imenso desafio que se nos apresenta é o de educar o povo, insistindo em que educar não é levar ninguém a ser isto ou aquilo, não é tentar influir de qualquer modo em sua orientação futura, mas dar meios de expressão à sua capacidade criadora e de comunicação, quer ela se exerça lendo e escrevendo quer manualmente num ofício, e sem que se separe uma actividade da outra; antes veria o ler e o escrever como resultante da necessidade de participar mais amplamente na vida; ensinar ou aprender a ler e a escrever por si próprios nada significam, a não ser que o caminho seja o de calígrafo, à maneira japonesa ou árabe; trata-se de um meio, como o fogo ou a alavanca ou a roda; não de um fim.

Todos vamos ter que ser professores de todos e cada um dos que sabe um pouco mais ensinará os que sabem um pouco menos, quer na alfabetização, quer no entendimento do mundo em que se vive e em que nenhum aspecto deve ficar ignorado, com insistência especial nas ciências, já que é inteiramente obsoleto o conceito, herdado de uma falsa

educação dos séculos XVII e XVIII, de que ser culto é saber pintura, história ou música, e não geologia, astronomia ou física, e de que filosofia é matéria que se tem de dar nas Faculdades de Letras e não nas de Ciências, com a basilar tentativa de entender o que significam os conceitos fundamentais da matemática.

Ninguém sabe tão pouco que não possa igualmente ser professor; os que forem das cidades a ensinar o povo, cujas aldeias também estão nas favelas e nos bairros de lata, deverão ir com a apetência e a humildade necessárias para entender que o povo lhes pode ensinar a eles muito mais; inclusive a mais animadora das lições: a de que são melhores do que pensavam. Como igualmente não devem esquecer que a suprema lição que podem dar a quem ensinam é a de que neles, apesar de todas as misérias, a humanidade não morreu e, por ser ter conservado oculta por mais tempo, pode agora socorrer os que comprometeram a sua em tarefas de técnica; gente de língua portuguesa, e quanto mais carregada a cor maior a possibilidade, é a que, por conduzir pacificamente à vida plena povos dela destituídos, mais pode ser vista como a guia de todos os que procuram construir um mundo novo; urge despertá-la e prepará-la.

Tem de o fazer todo o particular que para tal seja solicitado ou se apresente para onde e quando for útil, convicto de que terá sido inexistente a sua vida se não tiver ajudado alguém a desembaraçar-se de seus entraves; têm de o fazer os serviços públicos comprimindo as suas burocracias quase sempre inúteis e ocupando as horas que ficarem vagas no ensinar ou aprender; têm de o fazer as empresas incluindo no tempo de presença ao trabalho o período de aprendizagem de quem as serve, a ninguém se compelindo, mas a ninguém deixando para trás. A inclusão no tempo de trabalho é medida essencial porque pouco rendimento se pode esperar de quem volta cansado e ainda afronta a exigência de algumas horas de estudo; aprender é trabalho, sirva o que fica de dia livre para a criação, quando a houver. E já que se fala de serviços públicos e de empresas, bom seria igualmente que o analfabeto tivesse sempre toda a preferência possível nas admissões e logo se curasse.

Não se julgue, porém, que significa alguma coisa saber ler quando se não lê ou quando a leitura ainda divorcia mais da realidade das coisas e anula a capacidade do sonho e do projecto; é segunda tarefa essencial a de preparar textos que informem do que se passa, que tragam a

totalidade dos factos a nosso conhecimento, que nos ponham na posse de tudo quanto de positivo se está realizando, porque só o que se pensa de positivo tem valor para a vida, que nos assegurem não só de que não estamos sozinhos e abandonados, mas de que milhões de homens estão procurando caminhos que suas culturas lhes não fornecem, por demasiado anacrónicas em muitos aspectos ou por demasiado presas em redes técnicas mais viradas ao lucro que ao serviço do homem, e de que podemos ser nós os que, tendo realizado a missão de mostrar o mundo inteiro, irão, quando o quisermos, à de mostrar inteiro o homem.

Caberia tal papel em primeiro lugar à imprensa, mas a verdade é que, para além das restrições de circunstância, das restrições de estrutura que subordinam os jornais a interesses económicos que não são os do povo, embora o venham a ser um dia pelo inevitável progresso técnico que sempre trazem consigo, se afirmam as próprias restrições culturais que a tornam em todo o espaço português, com excepção de alguns exemplos, pouco menos do que inexistente ou pouco menos que prejudicial; temos então todos nós de nos substituir ao ruim ou de improvisar o que não há. Muito podemos comunicar ao povo do que nós próprios estudamos e aprendemos, resumindo, ampliando ou comentando, sem que tenhamos de recorrer a jornais ou imprimir o que escrevemos; podemos suprimir muito do tempo que gastamos em correspondência social ou na composição do que apenas servirá para engalanar os nossos currículos e aproveitá-lo, como saibamos e possamos, que menos sabem e podem aqueles a quem nos dirigimos, para dizer ao povo que se está avançando sempre apesar dos inevitáveis retrocessos, que há luz brilhando no extremo do túnel e que é na medida em que nos esforçarmos por que se realize, plena, a nossa humanidade que correspondemos ao que de nós espera o Espírito; ao qual, se me dão licença os críticos, continuarei chamando Santo.

Dispondo as Universidades centenas de milhares de alunos que completaram todos eles um curso secundário e de algum modo lhe superaram as deficiências ou lhe acentuaram os benefícios; estando, portanto, em condições de levar ao povo as técnicas do ler, do escrever e do contar, a informação que lhe seria útil e até às vezes a instrução ou aperfeiçoamento profissional, por elas deveria principiar o trabalho de resgatar de sua ignorância os povos de língua portuguesa; Universidades

desacantonadas de suas fortalezas ou esconderijos e que, seguindo em mais larga escala, com mais penetração e mais demora, o exemplo brasileiro de campos avançados em lugares de fronteira cultural e de projectos como o Rondon ou até o dos secundaristas de São Paulo, se espalhassem pelas áreas de suas regiões, desembaraçadas da ideia de que Universidade se define por estarem juntas todas as escolas do mesmo nível, quando na realidade se deveriam definir por estarem colaborando escolas de todos os níveis, a principiar pelas escolas de educação de adultos em que se aprende a ler ou a gravar até àquela escola de educação de adultos que a vida tem de ser à nossa volta; porque bem longe estaremos de qualquer resultado positivo se o povo, ao mesmo tempo que se educa, isto é, repete-se, ganha meios de expressão, se deseduca por maquiavelismos ou silêncios do jogo político, pelos interesses a curto prazo de uma economia de exploração ou por lhe porem como ideal não o ser o que é, mas o modelo estrangeiro e adverso que pareceu mais desejável aos poderosos de momento.

E aqui chegamos, tocados pelos ventos do discurso, a este problema de Universidade, tão actual no mundo português e nos outros países; entre nós, porque se discute de que maneira se há-de reformar, entre os outros porque se pensa se, mesmo reformada, poderá servir para alguma coisa. Quanto ao que se passa connosco, bom seria que se reflectisse sobre o facto de que já várias reformas se tentaram, mobilizaram homens e recursos, vários nascimentos houve de novo, e o resultado foi sempre o mesmo: a Universidade serviu apenas para criar um falso escol e os que se comportaram de outro modo o conseguiram apesar da Universidade, não por ela. O que os portugueses fizeram depois no Brasil, não fundar Universidade alguma, era o que D. Dinis devia ter feito em Portugal; mas, depois do grande acerto de nacionalizar os Templários, tem de se ser indulgente para algum cansaço ou engano do Rei; e se o comportamento português foi, no Brasil, o que devia ser, a razão é ter o Brasil sido feito pelo povo e não pelos dirigentes e saber muito bem o povo que a Universidade nunca lhe serviu para nada e ter o instinto de que, muito ao contrário, só lhe tem sido prejudicial; prejudicial não quando forma médicos ou engenheiros ou qualquer outro técnico, mesmo aí com o atraso que tanto lhe tem sido reprovado; já, porém, discutível quando forma professores, que então começa ela a deixar de ser simplesmente escola técnica de terceiro grau, para principiar a não ser, como devia, o organismo que pensa a comunidade e seu lugar no mundo, e caminhando para resultados mais graves com os juristas e filósofos.

Quanto ao Brasil, bom fora que a visita do Rei Alberto da Bélgica, que tinha no seu programa uma apresentação em Universidade brasileira, não tivesse levado o Governo a criar uma à pressa, reunindo escolas que estavam felizmente separadas umas das outras, sem organismo central que as peasse, e iam fazendo o melhor que podiam, dentro das estruturas do País; não teve assim o Brasil tempo algum para pensar coisa alguma que correspondesse à sua real natureza: primeiro ao alargamento, ao florescimento de Portugal que no melhor tem sido; à contribuição do africano e do índio, logo depois; finalmente às invenções próprias a que o tem levado o desafio de seu imenso espaço e de seu papel actual e futuro. Copiou os vários moldes que iam sendo de moda, coimbrões, franceses, alemães, tentou ainda, com Brasília, aproximar-se da América, numa altura em que a validade da Universidade americana é seriamente contestada pelos próprios americanos, mas nunca tentou criar uma Universidade à sua própria imagem e semelhança, excepto quando São Paulo pôs a funcionar a Faculdade de Filosofia, destinada fundamentalmente a pensar filosoficamente as filologias, não a tomá-las como línguas ou literaturas, que se aprendem agora para ensinar, exactamente como um médico aprende biologia para curar, e a fazer o mesmo com as ciências e até com a filosofia. O que, porém, aconteceu foi que nem em São Paulo foi possível fazer que funcionasse a contento, apesar do muito que conseguiu nos primeiros tempos; foi imediatamente travada, primeiro pelas escolas tradicionais, que os legisladores se esqueceram de extinguir ou de pôr definitivamente fora da Universidade, ao próprio termo extinguindo, depois do analfabetismo geral, grave sobretudo nos que sabem ler e não entendem o que lêem; o qual viu as Faculdades de Filosofia como se fossem apenas a junção de mais duas escolas de professores secundários, os de Letras e os de Ciências, porque até pela miséria mental e francesa de chamar Letras à Filologia se teve de passar; finalmente acabando totalmente com elas a inovação de Brasília, com a sua criação dos Institutos; de modo que reforma, no Brasil, não significou trocar o vinho, nem sequer a garrafa; mudou-se apenas o rótulo.

O mesmo sucederá em qualquer outra área do mundo português, enquanto não houver remodelação de estruturas; de estrutura económica, por deixar de passar mal o povo; de estrutura educacional quando não formos todos mais ou menos analfabetos, e me estou incluindo com muita

consciência de causa; de estrutura política, quando não julgarmos que só uns poucos têm sabedoria de governo e dermos a todos a possibilidade de cumprirem, o seu dever de ter opiniões sobre os rumos da vida colectiva; de estrutura mental quando pusermos de parte as saudades de não termos nascido em Paris ou Boston e pedirmos ao povo que nos ensine o que ele sabe muito mais verdadeiramente do que nós, — uma filosofia de sua vida pessoal, pois não sofre o povo das misérias da angústia falsamente filosófica, sofre do concreto, frio, fome e falta de respeito, sabe o que é positivo e negativo, luta por ter Fé, Esperança e Caridade, que oxalá tivéssemos nós todos; uma filosofia da vida colectiva, porque acredita na Criança, num futuro Governo Universal, já que provavelmente só em Paraíso nos poderíamos ver livres da fatalidade de ser governados, e na ressurreição dos mortos de Alcácer; uma filosofia do Universo inteiro, quando vive o mais possível no presente e declara que o passado passou, que ao futuro lá chegaremos, que tudo está escrito, e direito, embora sejam tortas as linhas, e que não é por muito madrugar que amanhece mais cedo; além de nos convidar a todos à meditação e ao silêncio quando diz que quem muito fala dá bom dia a cavalo.

Esperando não correr esse risco, e depois de reafirmar que não esperamos nós êxito onde falharam o Infante, D. João III, o Marquês de Pombal e a República, conviria pensar se vale a pena tentar reformas que não sejam puramente técnicas, haver mais professores, mais salas de aula ou mais microscópios ou até mais escolas de nível superior, entendendo aqui superior no sentido em que se diz que está o terceiro andar por cima do segundo, e se não se tem, pelo contrário, que examinar em conjunto com os outros países e até indo à frente deles, — porque não se vê por que motivo intrínseco há-de Portugal continuar copiando, quando, não copiando, fundou uma religião, tornou o mar inteiro e continuou bandeirante por continentes vários —, se não se tem, pelo contrário, de ver em que termos se põe o problema da Universidade em todo o mundo e se não é ela incompatível com a nova Idade em que entra o Universo; aquela Idade a que chamam de Aquário astrólogos e hippies, de Internacional os revolucionários materialistas e, com seu sinónimo de «um só rebanho», os eclesiásticos melhores, finalmente de Império o nosso Povo, não confundindo com os Impérios de teatro em que tudo é grande e a pequenez domina.

O primeiro ensino superior que houve foi o dos gregos e, felizmente, nunca teve instituição que o destruísse até as datas fatais em que Platão se lembrou da Academia e de Liceu o Aristóteles; a descendência que tiveram os castigou bastante, mas a grande época foi a que se passou nos mercados e nos ginásios, com professores que ninguém nomeava, que não assinavam livro de ponto nem diplomavam ninguém, mas que procuravam cumprir a tarefa fundamental que a Grécia tinha por diante, a de descobrir e estabelecer como base de tudo a ideia geral; era o trabalho em que colaboravam mestres e alunos, numa comunidade de pesquisa, e em que era possível ao lado dos que iam na linha de Sócrates, estabelecendo os alicerces de uma política, de uma moral e de uma ciência, haver os que preveniam, com Heraclito, de que é mais larga a vida do que a mais ampla das filosofias e mais apontavam, como na China Lao-tsu contra Confúcio, a uma indiferença superior do que a um imediato e pragmático construir. No diálogo se juntavam as duas grandes artes da dialéctica e da maiêutica, servindo sobretudo a primeira para fechar os caminhos do absurdo, dando-se à segunda o papel de fazer que cada um, revelando o que era, parindo-se a si próprio, contribuísse com seu ímpar testemunho para o apuramento da verdade e, se verdade não há, para o trânsito livre nas teimosas jornadas do buscá-la.

Quando esta Universidade se acabou, estabelecera-se uma geometria, ciência que permite ao homem demonstrar que o real se compõe de irreal; uma filosofia, base do direito que habilita os mais fracos a ir sobrevivendo aos mais fortes; uma religião em que a Beleza era a divindade suprema e a um tempo se afirmava como transcendente e imanente; e, mais importante que tudo, demonstrara-se que nenhum esforço da razão faz mais do que chegar pelo avanço até as fronteiras do racionalmente explicável e que daí por diante se estende o terreno fundamental do mito.

Paralelamente, havia a estreiteza das cidades-estado, que o ímpeto de Alexandre não conseguira superar; uma democracia que o era apenas para raros; a escravatura como aceitado meio de produção; um sistema de comunicações incapaz de abranger grandes espaços, uma administração incompetente para o alargamento que a humanidade exigia. Roma tinha de vir com o seu império de paz, os seus direitos de cidadania, a sua invenção do município, as suas estradas, os seus códigos, os seus funcionários, tudo pago, porém, pelo estagnar da criação na ciên-

cia, na arte, na filosofia, e por um resignar-se ao mesmo mal da escravidão e a uma religião de ritualismos e de contratos; mas o que importava era que houvesse possibilidade de se espalhar pelo mundo conhecido o que a Grécia inventara, com o desenvolvimento de algumas técnicas que o grego desprezara, por mais contemplativo do que activo, e que nas fronteiras do Império tivesse cabido o país inquieto e pobre dos judeus, donde ia surgir a palavra de que Deus tem Amor por Beleza, de que nenhum homem deve ser escavo e de que não haverá solução alguma para a convivência que não seja a do mundo inteiro como nação.

A esta Idade nova, pois que fora a de Roma intervalar apenas, correspondeu uma Universidade também nova, que infelizmente herdou de Roma sementes de tanto dano como o direito cesarista ou a inclusão de puras técnicas como a medicina, mas pôde, pelo menos nos primeiros tempos, ser basilarmente uma associação de homens interessados em estudar, sabendo alguns mais e outros menos, estudando uns a vida inteira, os professores, nome que uma etimologia de sentidos nos deveria fazer derivado de professar, e outros apenas uma parte da vida, os alunos, que esses, por filologia científica, são realmente participio passado do verbo alimentar: na Universidade recebiam o alimento da vida inteira, o que tão pouco sucede hoje; alimento que lhes vinha de não ir a um dispensário de saber, mas a uma associação, a uma corporação de estudo; de encontrar homens de caridade que, por não haver livros para todos, liam os seus e lhes acrescentavam comentários, que também liam, de tudo isto se chamando lentes; de poder intervir nos concursos de professor, ajudando a barrar os incompetentes que sempre ascendem a cátedras por serem primos de primos; podendo igualmente eleger reitores, que hoje se elegem com tanta restrição que, sendo já tão poucos os chamados, ainda muito menos são os escolhidos.

É esta Universidade, que só tinha tal título quando também ensinava a teólogo, que mais é que filósofo, pois inclui o que Platão exprimira em mito e seu mestre Sócrates punha por conta do demónio interior ou de inominado deus, a Universidade que sobra ainda hoje, quando os espíritos fortes consideram a teologia um misto de credice e de idiotia, quando há livros que chegam para todos e a caridade é talvez a mais rara das virtudes que se poderiam encontrar em recintos universitários, tanto do lado das reacções de uns como das revoltas de outros. Mas feita

para tornar pensável e possível a fraternidade que Jesus pregava, mal sabendo que teria por seu infiel descendente tanto catedrático de hoje, conseguiu, apesar de tudo, cumprir o seu dever, tanto quanto as circunstâncias gerais lho permitiram; apesar de todas as pressões de Economias, Estados e Igrejas, sempre houve dentro delas quem defendesse acima de tudo o direito à pesquisa e à publicação e aproveitamento de seus resultados, e quase sempre foi possível levar por diante o trabalho de construção científica, que, pela sua aplicação técnica, é a grande força que permitirá à humanidade ser realmente fraterna se esse for o seu desejo, exactamente como na Idade Média a invenção de um novo arreo de cavalo deixou que se libertassem os servos da gleba, porque havia o ideal cristão de os ver livres.

Neste tempo em que estamos, outro nome para nós devem tomar a Beleza e o Amor que Deus é, e o nome que devemos fundir numa Trindade agora plenamente vista é o de Liberdade. Apesar do sistema económico que não deixa que os homens aproveitem pleno e rápido o que o génio lhes inventa, embora seja o génio em grande parte incitado a fazê-lo pelo próprio sistema económico, ou pela concorrência em que ele se baseia; apesar de vermos num mundo tão cioso de seu cristianismo que se continua a queimar comida para que os preços não desçam, e isto mesmo num Mercado Comum Europeu de que tantos tão facilmente se enamoram; apesar de homens serem conservados no desemprego, com a fome ou a humilhação do socorro estatal, apenas porque tal convém ao lucro; apesar de que noutra metade do mundo a saída do subdesenvolvimento se esteja processando em regimes que não põem nos meios que empregam a concordância com os fins, isto é, que são repressivos quando têm por ideal a total abolição de autocracias; apesar de se estar caminhando, mesmo nos países que mais livres pareciam, para formas de repressão em que o homem se esmaga; apesar do pouquíssimo respeito que se demonstra pelos direitos do indivíduo ou das nações; apesar de toda a noite que se afigura estar descendo sobre o mundo; a fé dos homens é ainda na liberdade, a pressão sobre a economia é ainda a da liberdade, a limitação aos governos, tão predispostos ao abuso, é ainda a da liberdade; e, na palavra ou no silêncio, mesmo nos mais embrutecidos por qualquer lado das guerras, mesmo nos mais

afastados de um pensar coerente, a ideia dominante é a de que querem viver suas vidas próprias na liberdade e na paz.

Estão vivos 90% dos sábios com que contou a humanidade desde o início da sua história, dispõem de meios que em outras épocas nem ousariam sonhar-se; as descobertas que se fazem, incluindo as que estão ligadas às viagens espaciais, contra as quais tanta gente está, exactamente como esteve contra as portuguesas o Velho dos *Lusíadas*, permitiriam já hoje um paraíso de abundância e segurança sobre o mundo, se fosse tão fácil porem os homens o seu temperamento de acordo com a sua inteligência como lhes é fácil fazer obedecer à sua inteligência as forças adormecidas do universo físico; adormecidas no adormecimento em que a Bela esperava seu Príncipe; e caminhando para a mesma íntima fusão. Todas as esperanças nos são abertas; os avanços tecnológicos estão ao nosso dispor e para o único fim em que serão úteis, para nos darem tempo livre; talvez, durante alguns séculos ainda, tempo livre para criarmos matemática ou poesia ou pintura; depois, tempo livre já mais certo, que é o de vermos a matemática ou a poesia e a pintura como existindo no mundo à volta com mais plenitude do que em nossas equações, versos e quadros, dispensando a existência dos artistas, que terão sido apenas meios de comunicação da beleza para quem ainda não podia ver directamente; e afinal, na idade melhor, sendo nós próprios matemática, poesia e pintura, vivendo arte e ciência, e, por viver, as criando; este é o tempo livre que Deus tem: vive, e o mundo é; vive o mundo, e Ele é; o qual Deus nos quer à sua imagem e semelhança, como nós o temos querido à nossa; quando as duas vontades se encontrarem, e só então, haverá Paraíso.

Portugal, o grande, o todo, o de amarelos, brancos, pretos e vermelhos, o de islamitas, cristãos, judeus, animistas, budistas, taoistas, o da América, Europa, Ásia, África, Oceânia, o dos municípios, tribos e aldeias, o de monarquias e repúblicas, o dos grandes espaços conhecidos e o dos espaços ignotos ainda, dentro e fora do homem, o Portugal núcleo de formação de uma União Internacional dos Povos para o desenvolvimento, a liberdade e a paz, Portugal, que tem actualmente a sorte de ter Universidades que nada valem, nada se perdendo, portanto, se se fecharem, deve, audaciosamente, preceder os outros povos, estabelecendo ensino ou aprendizagem superior que estejam já encaminhados

a uma era em que o homem seja plenamente criador e deixe como traço de sua passagem na vida esse aproximar-se cada vez mais da essência da criação divina.

Dissolvendo-as como medida inicial e pensando logo que se tem em primerio lugar de marcar bem o que é Universidade e o que é Escola Técnica. Deixando a primeira para depois, ocupar-se-á antes de tudo em preparar o exército de técnicos de que precisa para assegurar a seus povos uma economia que os liberte da miséria; uma engenharia que facilmente os comunique entre si; uma medicina que lhes assegure a saúde, muito mais se preocupando com isto do que com o curá-los das doenças; um professorado que os ensine em lugar de os humilhar, lhes impor exames e afinal os lançar na vida numa ignorância total; um corpo jurídico que os defenda dos outros e de si próprios.

A ninguém recusará a entrada e para atender a quantos se apresentam multiplicará o número de escolas, espalhando-as o mais possível por todo o País, tirando às capitais o privilégio de ter um ensino superior, o que já sucede no Brasil, mas ainda não existe no Portugal peninsular, na África ou na Ásia. A experiência das escolas isoladas brasileiras é concludente quanto ao aspecto positivo, por muito mal que principiarem, e principiaram algumas de forma excelente, como a Medicina em Ribeirão Preto ou a Filosofia em Santa Catarina; a deficiência do pessoal docente sana-se com relativa rapidez à medida que os cursos vão sendo diplomados, alcançam os melhores bolsas de estudo no estrangeiro e, ao regressar, se colocam logo em nível superior ao que tinham seus mestres; com a escola se melhora o ambiente e, em poucos anos, se passa de um meio em que o primitivo era de regra para um em que já se não repele o que antes parecia despropositada audácia; basta citar a este respeito o que sucedeu na Paraíba com a acção de José Américo, romancista e político.

À multiplicação das escolas corresponde naturalmente a multiplicação do número de professores, a quem se tem de garantir, para os que servirem em tempo integral, os melhores salários públicos da nação, aproveitando quanto se possa em tempo parcial, para acabar de vez com a ideia de que tem de haver um catedrático proprietário de uma matéria, ou um só ensino dessa matéria ou que se não pode trazer da vida prática quem ensine o que sabe e se retire perante o que desconhece,

cedendo a outro o capítulo novo; quando não houver em nosso espaço quem possa ensinar, procurem-se os de fora, os que ficam em Universidades estrangeiras à espera que o velho professor morra ou se defrontam com as exigências de estruturas altamente desenvolvidas; e ensinem os alunos que mais sabem tudo o que sabem aos que ainda o não saibam; ensinar é um dos mais eficazes meios de se aprender; e, além de tudo, lembremos o caboclo brasileiro que insiste, porque sabe das urgências da vida, em que quem não tem cão caça com gato.

Aparece muitas vezes a objecção do material, pensando-se ao mesmo tempo nas instalações como edifício e no equipamento interno. Sem recorrer ao exemplo das Universidades chinesas que funcionavam em cavernas, instalou-se a de Brasília nos primeiros, melhores e talvez únicos bons tempos, em barracões de madeira e em pavilhões de armazém que se levantavam em quinze dias, nuns e noutros se dando o melhor ensino que havia no Brasil quanto aos cursos de graduação e preparando-se nos de pós-graduação um conjunto de trabalhos muito superior em quantidade e qualidade ao da média das restantes Universidades brasileiras; Brasília, como Universidade, afirmou-se na medida em que se dispôs a trabalhar fosse onde fosse e dispensou todas as burocracias habituais no recrutamento de professorado; perdeu-se na medida em que foi autoritária, centralizada, mais interessada em padrões internacionais e na projecção intelectual do que, apesar das afirmações em contrário, na realidade brasileira, e também, sobretudo, na medida em que julgaram seus dirigentes que o caminho para a vitória do futuro, para a afirmação do Espírito é o da política e não o da educação; sempre entendendo por educação o poder expressar-se em acto o que o povo é já, mas em potência, apenas; em potência e melancólico silêncio.

Deve ser, por outro lado, considerado o aluno como um operário ao serviço da nação; o sistema de bolsas de estudo tem de ser visto como ultrapassado: estudante tem, como professor, que deve ser estudante perpétuo, o seu salário e deve contas por ele; a figura do cábula, que pode ser romântica, não é por isso mesmo, de portugueses, povo realista, quaisquer que sejam as invenções do fado que lhe inventaram e impuseram; realista ainda na teimosia de fazer que o sonho se torne verdadeiro e na contínua intuição de sua lírica de quanto é frágil toda a beleza de um mundo feito de tempo e espaço. As diferenças entre aluno pobre e

aluno rico ou remediado não se apagam com a esmola de uma bolsa de estudo: suprimem-se com um sistema de impostos em que paguem os que muito recebem por e para os que pouco têm; não é nas secretarias das escolas que o problema se resolve: é nas das finanças ou fazenda; quando o plano é bom e os homens surgem para o cumprir, dinheiro há sempre; só que falta ir buscá-lo onde está; ou onde não devia estar.

O mesmo se diria de recursos para equipamento, que o espaço de língua portuguesa deve conseguir dentro ou fora de si, nos países que os têm de sobra e tão remissos se mostram na ajuda que dispensam quando ela não envolve compromissos militares ou políticos; Portugal tem de ser pedra de escândalo neste mundo de hoje que tão disposto parece a aceitar a situação como fatal, tem de ser ponta de lança dos países subdesenvolvidos para que todos se desenvolvam, como tem de ser o advogado dos pobres no sentido de que venham todos a ser ricos; põe o Evangelho de São João, que foi e é tão nosso que está ao mesmo tempo, do passado, nos Painéis de São Vicente, à pintura que marca o ponto máximo de Portugal, depois degradado com o maquiavelismo, os bancos europeus e uma Roma outra vez de César, e, do presente, nas festas do Espírito Santo de Açores e de Brasil, põe o Evangelho de São João que o Espírito é Advogado; advogados sejamos, pois, das duas causas: que todos os povos sejam ricos e que sejam ricos todos os homens; contanto que vamos depressa a uma terceira causa: a de que o que possuímos nos possui, a de que só o despojar-se liberta; lição de um Evangelho mais recente, o que pregou, vivendo-o, São Francisco; e oxalá tornasse a pregar hoje, sobretudo a seus frades.

Postas a funcionar como devem todas essas escolas técnicas de terceiro grau, intensificados os cursos, alargado o tempo do trabalho, apenas com as mesmas férias que têm os operários ou funcionários, mas diminuído, por isso, o número de anos necessários a cada formatura, para escaparmos rapidamente da percentagem que dá um médico para cada cinquenta mil habitantes no Ceará e, em Portugal, ensina línguas vivas a grupos de centenas de alunos, passaríamos à fundação da Universidade futura, que não teria nada que ver com as escolas técnicas, mas, com a gente que esta tivesse formado e se interessasse por tal domínio de pesquisa e com os autodidactas a quem se não pediria papel algum, repensaria, através do essencial de suas especialidades, o pensamento

ou a vivência do povo. Seriam quanto possível pequenas escolas, bem espalhadas também por todo o País, quanto menos oficiais melhor, para mais completa liberdade de seus rumos, mas com sua vida material assegurada, embora, como em todos os outros graus de ensino, fosse bom que sempre trabalho material acompanhasse o outro, à excelente maneira de São Bento e dos kibbutzim israelitas, que a ambos haveria de tomar como primeiro modelo. Seria excelente que nem o nome de Universidade tivessem herdado, que a sua frequência não desse a ninguém direito algum e que fosse total a liberdade de criar; embora se andasse muito pelos domínios da ciência e da arte, mais se veria como próprio o da filosofia, ou melhor o da teologia, o da teologia ecuménica, para que todas as religiões contribuíssem e que, livrando as almas de fantasmas, as prepararia para existirem na única teologia que julgo não formulável em discurso, e por isso a melhor, a Teologia do Espírito. Nada faria o Estado para que elas surgissem; apenas as ajudaria, sem compromissos, quando surgissem; apenas, e é o máximo, não interviria depois; o que, se feito, daria muita esperança quanto à pouco provável redenção de governos.

Em escrito já antigo meu, publicado, creio, em *Espiral*, artigo que nunca mais tornei a ler, o que sucede com tudo que me editam, e que talvez não exprima correctamente o meu pensamento de hoje, não o verificando agora porquanto mais me importa a autenticidade do que a coerência, dizia eu que, não tendo ascendido o povo a categoria cívica, e isto é verdade para o pequeno espaço português de que tratava então como para o espaço à escala mundial que tem vindo a ser o nosso assunto, e não havendo assim a possibilidade de sobre ele basear o que fosse ímpeto inicial e coordenação do agir, me parecia que o romper de aurora devia partir dos corpos organizados que existem em Portugal, já que a ideia de partido mesmo único e sobretudo único em que se poderia pensar se me afigura inteiramente contrária à de fraternidade, essencial no realizar-se do Espírito; esses corpos organizados, e conscientes, poderiam ser as Universidades, as Forças Armadas e as Igrejas.

Das Unversidades, seu renascer interno e sua acção externa, se tratou já; conviria agora examinar o que poderiam fazer as Forças Armadas, mas, assim como se procedeu a respeito do ensino superior, conviria defini-las e entender não só o que têm sido na História como a forma por que se poderiam apresentar numa construção do futuro. Talvez se devesse começar por discutir o problema da guerra e do seu papel nas sociedades, já que se está hoje bastante longe de ver a guerra como consequência da maldade do homem ou das condições económicas a que tem estado sujeito, pondo-se a hipótese de que ela seja um dos elemen-

tos essenciais de manutenção de uma sociedade, alguma coisa como uma liturgia da morte ou um sacrifício humano em grande escala ou um supremo confronto com o existir. Mesmo que assim seja, é a Paz que se tem de pôr como ideal, já que é possível pensar que há diferença entre grupo humano organizado segundo determinadas normas para alcançar determinados fins; Adão e Eva no Paraíso, contemplando a Beleza do mundo, ou sendo, indistintamente, do mundo e de Deus, a Beleza em si, constituíam um grupo humano; expulsos pelo Arcanjo, com Adão caçando e Eva porventura fiando, são uma sociedade, provavelmente já com suas guerras para que a união seja viva e se mantenha, do que Ovídio mais tarde dará resumo e testemunho quando escreve que o zangarem-se amantes é reafirmar-se o amor. Mas o Paraíso se reconquista, o que Milton viu; e no Paraíso, pelo reconhecimento da unidade perfeita, não serão necessárias as iras do amor. Se o ideal último do Português é reconquistar o Paraíso e entrar naquele despojar-se de espaço e tempo a que Luís de Camões preludiou com a Ilha dos Amores, serão dispensáveis as guerras e terão sido os melhores militares os que têm visto a sua missão como sendo essencialmente a de manutenção da Paz, para que o mundo se vá construindo, não os que são tentados pelas aventuras ou pelos lucros das guerras.

São estas as únicas forças armadas que deseja o espaço português, apenas sacrificando-se à guerra pelo ataque externo, que tem de ser repellido, ou pela inépcia interna dos políticos, já que toda a guerra pode ser vista como a consequência de diálogos que falharam ou como o desgraçado substituto dos que se não fizeram a tempo. Mas a este amor básico da Paz juntaria o Português, como exigência para uma definição própria de forças armadas, a característica de que seja a organização tão perfeita e a disciplina tão travada que venha quartel ou navio ou base aérea como o lugar em que toda a ordem dada se considere cumprida e que, portanto, se possa logo passar a outra ordem e a outra tarefa. Finalmente, e considerando que os teóricos militares vêem a disciplina como a arma de dois gumes que, pela obediência, pode assegurar a vitória tanto como, pela falta de iniciativa, pode arrastar à derrota, cumpre que o soldado, que tem afinal bastante tempo livre e está solto, ao contrário dos outros cidadãos, de garantir seu pão quotidiano, antes o esperando da Intendência do que de nosso Pai, seja pela cultura, que deve despir

de hábitos e de cego agir, um homem aberto aos melhores sopros do Espírito; os quais, como se sabe, são livres, imprevisíveis e criadores.

Não tenho prática bastante de tropas para assegurar que toda esta teoria se mantenha tal qual nas paradas; sei apenas como eram os meus Amigos de exército, marinha e aeronáutica, aqui e no Brasil, e todos eles iam bastante bem pelas linhas que acima se delinearam, muito melhor do que o faria eu, e lhes devo bastantes lições, posto que mal aprendidas. Daí, generalizando, o que é sempre perigoso, mas que serão Fé, Esperança e Caridade, senão procedem no geral, diria que podem ser Forças Armadas elementos essenciais nesta nova e definitiva arrancada dos Povos de língua portuguesa para cumprimento da missão a que estão destinados na História; em primeiro lugar pela manutenção da paz interna e da paz de fronteiras sem as quais nada se poderá realizar; depois, pela certeza de que toda a tarefa de que foram encarregadas será satisfatoriamente cumprida, a começar pela também essencial de não intervirem em política nem lhe ditarem normas; finalmente, por todos os aspectos em que poderão colaborar no estabelecimento de condições culturais para o Povo de todo o espaço português. Parece, no entanto, que não estará aí o desempenho principal, dados os caminhos a que vai apontando a tecnologia e as organizações futuras que já podemos vislumbrar.

De um sistema de produção em que se exige em geral de cada um muito mais do que as suas possibilidades e de um sistema de distribuição em que se lhe dá, também em geral, muito menos do que exigiriam suas necessidades, já se passou, em bem metade do mundo, a uma organização económica em que a produção continua em grande parte assente nas antigas normas, mas em que o consumo já segue muito mais as linhas da conveniência pessoal de cada um; está-se vencendo a miséria, com todo o seu cortejo de desesperos, embora em muitos casos ainda subsista a pobreza, em que já existe, no entanto, a esperança fundamentada de melhores tempos. Mas a tecnologia, em que se avançará sempre, se não houver a catástrofe de uma guerra nuclear, e todos os esforços de Portugal devem ser no sentido de que ela se evite, e se se conseguir pôr de parte um sistema económico em que o invento fica à inteira disposição do capital e não do trabalho e serve mais ao lucro que ao consumo, a tecnologia, dizia-se, garantirá uma produção de maior abundância com menos horas de trabalho, antevendo-se que a comunidade poderá pro-

ver as suas necessidades apenas pelo recrutamento dos jovens e durante um tempo que pouco excederá, se exceder, o do actual serviço militar.

Os povos de língua portuguesa, que têm de superar rapidamente o seu atraso técnico e de aproveitar para outros fins o resultado do trabalho, e sacrifício humano, de outras nações, precisam de começar a ver as suas forças armadas como o enquadramento possível de um número cada vez maior de serviços civis em que todos tenham de colaborar durante certo tempo, com um chamamento por classe de idade e em que seriam domínios fundamentais a construção, os transportes, a exemplo do que já faz o Brasil com sua Força Aérea, a saúde, a administração pública, a agricultura e a pesca; num Portugal realizando-se, tem de se passar para o que for escola de vida o conjunto de ensinamentos de carácter, na firmeza, na disciplina, no sacrifício, de ensinamentos do espírito, na acuidade e rapidez das decisões, e de ensinamentos de comportamento geral, na disponibilidade, tudo o que, infelizmente, tem estado, por circunstâncias puramente históricas, apenas à disposição das contingências da morte, e, o que é pior, mais da morte dos outros que da nossa. Ora o que importa é viver e dar vida, a vida total, a do Reino de Deus, que tem sido ideal de todas as Igrejas, mesmo quando mais parecem meditar sobre a morte. E, se podemos ver a Arte como a lembrança contínua, pela Beleza e pela Piedade, de que o Reino existe; a Ciência com o entendimento da sua harmonia essencial, por aí se voltando a conceitos pitagóricos; a Técnica como a desbravadora dos terrenos que se hão-de pisar na grande marcha para que o Reino venha; a Política como o guia que procura os caminhos melhores, nem sempre bons; nos aparecerão as Igrejas como o lugar em que pela suprema concentração de espírito individual e colectivo, e é esse o único tipo de oração em que deveremos pensar, o Reino se deseja, se implora ou se exige, e, pela Fé no Espírito, constrói-se.

Se podemos legitimamente imaginar que se possam ter dúvidas sobre a Arte como meio perfeito de comunicação e como instalando-se em eterno; se faz a dúvida parte da Ciência, como elemento sem o qual não existe e que apenas ultrapassa na medida em que há um acto de fé nas capacidades de imaginação e lógica da inteligência humana; se são hoje vulgares, embora injustificadas, as dúvidas quanto às vantagens da técnica, muitos a vendo como um perigo para a sobrevivência

da liberdade humana; se levanta dúvidas a política, sempre tão mal servida de pessoal, porque a ela, ao contrário das aparências, concorrem os débeis quase tanto como às carreiras de ensino e quase não existe o meio termo, apenas se encontrando ou o muito bom ou o muito mau; são as Igrejas, no melhor, a ausência da dúvida e a adequação do meio e de seu fim, já que, pelo espírito, ao Espírito se busca; nenhuma Igreja a si própria se pode corromper, de dentro para fora; mas tem sido bem frequente que sobre elas venham interesses económicos ou políticos, sempre tão ligados entre si, e as capturem como escravas; escravidão que, parece, muito agrada a muitas.

Não importa para as livrar de tal servidão que se discuta se os sacerdotes devem ou não devem casar; se se deve ou não substituir o muezzin pela fita gravada; se o búzio dos jogos deve vir de África ou se se deve improvisar na Baía; não conduzirá a muito que tenham bispos opiniões sobre economia ou que dissertem budistas sobre hidroeléctricas, ambos sempre com grandes riscos de heresia nas respectivas técnicas; ou que todos, por serem mártires, o que sempre suscitará respeito, contribuam para que ainda mais se robusteçam as repressões e se reforcem as tiranias. É pelo positivo que fizerem que as Igrejas podem contribuir para o triunfo, no Portugal e pelo Portugal dos mares e terras de todo o mundo, daquele Império que é do Povo e a que, para o datarem da Bíblia, chamaram Quinto homens de Igreja como Vieira.

Começa o positivo das Igrejas pela fé no sobrenatural, fé em que parece vacilam hoje tantos eclesiásticos que suponho preferem o económico e o político, e justamente o preferem se tal fé lhes falha, pois lhes compete, antes de tudo, não ser hipócritas; a ocupação essencial das Igrejas devia ser essa mesma, a de testemunhar o sobrenatural, soltando de si todos os que as tomaram como uma carreira social, todos os que a elas foram levados porque não dispunham de recursos para que frequentassem outras escolas, ajudando ao reingresso na vida laica todos os que nelas se conservam apenas porque têm medo, e muito justificado, da existência bárbara que ainda é a da maior parte dos homens; as Igrejas têm de ser as destemidas naus dos grandes místicos, que nunca foram, em religião alguma, os indiferentes, os falhados ou os débeis mentais que fantasiam os críticos de pouco aviso e ainda muito menor erudição.

Continua o caminho pelo libertarem-se as Igrejas de todas as propriedades que lhes têm sido cativo, lembrando-se de que todo o possuir corrompe ou, e de novo citarei poeta, lembrando-se de que ter é morrer, e foram elas feitas para a Vida; se outros exemplos não houvesse, bastaria meditar em quanto bem fez ao budismo e xintoísmo japoneses a reforma agrária de MacArthur, pondo para fora os que nelas estavam por interesse, e como, apesar de todas as restrições governamentais, estão vigorosamente se afirmando as Igrejas cristãs, muçulmanas, budistas ou judaicas dos países de Leste. E acho que muito bem finalizariam as Igrejas seu preparo de verdadeiro ser se continuamente lembrassem a governantes e a governados que a única lei por que se rege Deus é a de sua infinita liberdade, que todo o dono de escravos se escraviza, e que nasceram os religiosos no mundo com o dever supremo de dar, sem medo e sem rancor e à sua escala humana, testemunho da liberdade divina.

Postos a ser o que lhes é os sábios, que são os encarregados de estudar e ter dúvidas, os soldados, cujo dever é o de obedecer e agir, e os frades, como o deviam ser os homens de todas as religiões, à imitação da muçulmana, irmãos de acordo com a etimologia e a prática e acabando com toda a distinção entre os homens que não fosse a de se esforçarem pelos últimos lugares, passaríamos a olhar o chamado ensino secundário, concordando em que é o mais importante entre todos, se é que há a fazer tais destrinças quando se trata fundamentalmente de libertar o ser humano de todas as limitações que lhe trouxe a vida em sociedade, ao mesmo tempo aproveitando todas as vantagens de que o rodeou a mesma vida.

Pelo de que trata, até veríamos o ensino secundário como exigindo mais de nós que o superior em cuidados e meios, já que, a juntar a todas as dificuldades que vêm da idade dos alunos, entre menino e homem, está o ainda se encontrarem mais próximos da perfeição que foram, mais cautela de avanço exigindo do adulto para que se vá salvando sempre o mais possível até que os tempos cheguem de o que veio do céu ao céu se devolver intacto; e, a respeito de quem dos alunos vai tratar, também é bom que se acentue que não deve o professor de ensino secundário saber menos que o de nível superior, primeiro pelo princípio de que nada determina que saiba qualquer homem menos que outro, antes se diria, em nova Lei, que tem sempre cada qual de saber mais do que o outro e os dois, juntos, de saber mais que separados; segundo, porque

o naipe de perguntas do mais jovem é mais vasto que o do outro, que já começa, infelizmente, a especializar-se.

Por outro lado, a ideia de que o ensino secundário não o é porque está a seguir ao primário, mas porque é segundo em valor quanto aos universitários entra fácil demais no espírito de quem faz orçamentos e o leva a tabelar salários, como se tal devesse admitir-se quanto à existência de professores: todos têm de ganhar o mesmo, e bem; todos devem ter a mesma preparação e de tal maneira se equivalerem que seja possível em qualquer altura substituir o professor de um grau de ensino pelo de outro grau vulgarmente considerado inferior; e se o lidar nos fosse escala, então mais deveriam ganhar os professores primários cuja tarefa é infinitamente mais difícil do que a dos outros e em lugares mais incómodos.

E já que passaram perto temas de ensino secundário e de situação de professores, bom seria acentuar que a preparação de professores primários deve ser tirada do nível secundário em que tem estado e passar a nível superior; o lugar das escolas normais é nas universidades e, sobre a preparação básica das especialidades, devem oferecer as mesmas psicologias, as mesmas didácticas e as mesmas histórias de educação que já se dão aos que preferem o ensino secundário e de que estão isentos, não se sabe por que motivo, os professores de ensino superior; como excelente será declarar eu logo que não acredito demais no valor de tal preparação pedagógica, e que bons pedantes se fabricam com tais matérias; professor é o que sabe e o que ama e o que junta ao amar e saber algum sentido da ironia, para que se não tomem muito a sério ele, e o discípulo; mas sempre poderá ajudar a quem ensine saber como progresso escolar tem sido um lento desprender-se da mania de que criança, ao contrário do que manda o Evangelho, se tem de modelar sobre o adulto, como se nós, tais como a vida nos fez, pudéssemos ser modelo seja do que for; saber também como se está investigando o funcionamento do espírito e como a psicologia actual, ainda tão próxima do nebuloso, ainda tão hesitante entre a psicanálise e o rato de laboratório, está contribuindo para a tarefa fundamental, se homem o quer ser completo, de equiparar espírito e corpo e de mostrar que ambos podem, ao mesmo tempo, ser fortes e fracos, belos ou abjectos, inferiores ou superiores, ideia a que já chegou há muito a geometria analítica e, reflectindo sobre ela, o ibé-

rico Espinosa; saber ainda que o resumo de toda a verdadeira didáctica consiste em não ensinar, mas em deixar que o aluno aprenda, não caindo nas tentações da exibição de ciência e da resposta pronta, quem sabe se para termos mais tempo livre, e conduzindo-o apenas a uma mais exacta formulação da pergunta e ao limiar dos meios que lhe permitirão passar dessa a outra, por intermédio de uma resposta.

É bom em qualquer grau de ensino que professor deixe de ser o habitual orador e aproveite para estudar o tempo que até agora tem dispendido a falar; já há bastantes livros que o aluno por si estude, bastante material de laboratório, mais ou menos habitual e barato, para que o aluno faça por si as experiências e perceba como se edifica o saber; já há bastante vida à volta para que o aluno a possa visitar, examinar, criticar e deixe de ser a escola a prisão em que habitualmente corrigimos a delinquência de se ser criança; quanto menos aparecer o professor tanto melhor a escola; pode ser que um dia o suprimamos e vamos nós à escola para reaprender a infância; mas talvez baste por agora que tenhamos as maiores dúvidas sobre o nosso valor de mestres; com um acrescento: a de que esse bastar jamais nos baste.

Veria o ensino secundário como o eixo fundamental da preparação do homem, ou melhor, da libertação do homem para as tarefas de entender o mundo que há, que é uma das formas de acompanhar a criação contínua que Deus faz dele, ao mesmo tempo que, por ser total, o criou de uma vez para sempre, o de melhorar o mundo que há, que é a outra forma de entender a criação contínua, pela infinidade sempre nova e sempre existente dos predicados de Deus. Para entender o mundo, outro jeito não há senão o de o olhar, decompondo-o, medindo-o e surpreendendo-lhe as mais íntimas e as mais elementares das relações de que é feito, as quais relações, por serem íntimas e elementares, são as mais difíceis de compreender e exprimir; livro só serve como relatório do que outro viu e nos pode ser útil, ou como arquivo de perguntas; se toda a escola devia ter uma biblioteca do que já se sabe, devia ser-lhe paralela outra, ainda mais fecunda, a do que se não sabe; génio é o que se concentra no mistério; vamos tomando a pouco e pouco consciência de que toda a criança é um génio; que sirvam ao menos os adultos para lhe levantar um catálogo de nossa extensa ignorância. É com o universo à volta que a criança deve ter o seu essencial contacto, dando-se-lhe lin-

guagem na medida em que dela precise para o exprimir com exactidão e pondo-lhe claro, logo de princípio, que ela se divide em duas grandes categorias, a da língua que fala, que deve ser no nosso caso a daquele português ecuménico que não ache errado o modo brasileiro e aprenda a pronunciar a sua língua de forma que o entendam todo o espaço português e o estrangeiro que já o sabe ler; e a da matemática, que por isso lhe deve ser ensinada, desde o primário, como o que ela própria foi de início, uma ciência tão experimental como o é hoje a química; o que não quer dizer que ache eu que jamais teria sido possível matemática se não houvesse na estrutura do espírito humano a possibilidade de distinguir pela análise que todo o par é composto de um mais um.

Rode a escola secundária, para conhecimento do mundo, à volta da zoologia e da botânica e da geografia em todos os seus aspectos, desde o geológico ao humano, com insistência no que poderia ela dar aos políticos se os políticos se resolvessem a escutar os geógrafos, e faça-se tudo para se entender o que lhes é fundamental, a todas essas ciências, na tessitura das relações inteligentes que o homem nelas surpreendeu ou criou, que já esta dúvida preparará os meninos para o mais agudo da filosofia; chegue-se depois à química e à física, nesta ordem talvez, sempre do mais complexo para o mais simples, até atingir a matemática, que é o mais enganadoramente simples que existe ao nosso alcance e nos leva pela sua simplicidade à descoberta de mundos que não podemos perceber, embora os saibamos existentes; a matemática que, partindo do indemonstrável, ao indemonstrável arriba, o que é lógico, e nos dá, por aí, a mais clara das teologias, embora o Deus dela se possa chamar raiz quadrada de menos um.

Aos textos portugueses só deve ir o aluno depois de ele próprio ter escrito muito, pois que é mais importante que esteja seguro de seu próprio poder de criação do que venha admirar o que fizeram outros que foram apenas crianças que escaparam à destruição que as escolas têm tido como obra, ou porque eram cábulas, ou porque seguiram o outro caminho, se eram mais dóceis, o de as superar, estudando rápido, e tendo o resto do tempo livre e seu. Ninguém leia selectas, mas livros inteiros, que só por esse processo se apreendem os todos e se livram os espíritos das inclinações dos autores antológicos; leia sempre o que de melhor escolheu o tempo dentre os autores ou dentro da obra de um mesmo

autor, lembrando-nos nós todos que talvez a literatura grega nos aparecesse menos brilhante se não tivessem catástrofes naturais e humanas feito desaparecer a maior parte dela; talvez precisássemos nós próprios de alguma catástrofe de quando em quando para nos livrar de grande parte das nossas bibliotecas; porque nos críticos não nos podemos fiar; apenas acrescentam livro a livro.

Lembremo-nos, por outro lado, que também há linguagem, aqui falada, no rádio e na televisão que, para educação de Portugal, também precisam de ser, primeiro, fechadas, como as Universidades, depois reabertas ao serviço do povo e não ao serviço da publicidade de produtos, sem os quais viveríamos melhor, ou ao serviço daqueles a quem pode interessar conservar o povo no infantilismo intelectual e sentimental com que se dá tão bem a classe média, ou ainda como palco das cabotinagens com êxito; rádio e televisão, sobretudo a última, que acabará por levar a primeira à posição de simples agente prático de comunicação, podem pôr informação ao dispor de todos tão bem como gente viva e presente, ou ainda melhor, superando todas as deficiências de pessoal que possa haver, em número e qualidade; e até outras: em exames, iguais para todos, realizados ultimamente no arquipélago das Samoa, os alunos das escolas que funcionavam sobre a televisão obtiveram melhores resultados que os outros, o que demonstra além de tudo que o professor, na maior parte das vezes, só serve para atrapalhar. O inconveniente do sistema reside em ser caro; mas ninguém ainda provou que não é mais barato que artilharia e mísseis. Note-se mais que, por trazer o mundo imediatamente à nossa presença e porque não há alfabeto pelo meio, a televisão pode ser um dos mais poderosos agentes para nos educar a todos no sentido de que não vivemos e não vivamos separados da vida, de que a existência não é realmente linear mas global e de que as comunidades desfeitas ou abaladas se podem restabelecer sobre uma técnica que, para se afirmar, as pôs em perigo a elas.

Para a segunda tarefa, a de ir criando mundo, se lançará mão do teatro, que engloba todas as artes, inclusive a de darmos expressão à multiplicidade que todos somos dentro da ímpar unidade que também somos, e do trabalho de oficina, acabando de vez com as absurdas distinções de escolas técnicas e liceus e seguindo o exemplo do SENAI brasileiro ou, melhor ainda, dos ginásios vocacionais de São Paulo; deixaremos

deste modo de fabricar todos os anos uma quantidade enorme de inúteis ou quase inúteis, quando por acaso se lhes não abrem as escolas superiores, mesmo assim sempre em percentagens mínimas; daremos a cada um a segurança de que é capaz de produzir na vida, dar-lhe-emos o arrimo do concreto em lugar de o jogarmos a todas as tentações da retórica, o poremos de pés firmes no chão em que se constrói em vez de o iludirmos sobre a insegurança das nuvens; seja todo o menino um sólido animal ginástico, um bom operário na especialidade que escolha e no grau que atinja, e um ser para o qual, à imagem do que lhe é a um tempo, imanente e transcendente, não haja limite algum para as possibilidades de criação; nem para a identidade: que não tenha a preocupação de ser só uma coisa por toda a vida fora, de maneira que os notários lhe reconheçam facilmente assinatura e letra; seja o que for a cada momento, plenamente e sem traição, convencido de que mais nos arrependemos daquilo que não fazemos, querendo-o, do que do pecado positivo, e de que brilhar com todas as luzes é mais de festa do que ter só a preocupação de que esteja acesa a lanterninha da vigilância; ouse, é a palavra última que lhe daremos, como Clark a seus alunos do Hokaido; ousai, «e então», citação de Isaías, «saberemos nós todos que sois deuses».

Decerto; mas o princípio real destes deuses que, apesar de toda a sua categoria divina, sempre o serão, e somente, do relativo, está no ser-se inteiramente homem, e a ousadia que lhes dá origem assenta num ponto de partida escolhido com o maior cuidado e de que se medem todas as vantagens e desvantagens, numa rota que se traçou com clarividência e em que sempre se assegurou regresso e, finalmente, no formular de metas que não estejam para além do impossível, já que estarem para além do possível as define como verdadeiras metas e não como as simples posições em que apetecerá descansar e dormir.

Ora o ponto de saída ideal para o problema de deixarmos que Portugal seja, e se dirá de novo que é isto o que entendo por educação de Portugal, o encontraremos agora, ao subirmos do secundário para o primário, como do ensino superior subimos ao secundário; aqui entraremos também com a prudência sem a qual a ousadia é apenas loucura de clínica, mas que, se não se casa ao ousar, nada mais é que o temer da acção; e não nos contentaremos para alvo com a doméstica sensatez que nunca foi, no melhor, característica de portugueses; é certo que Portugal jamais queimou navios para se impedir a volta; ficará tal feito ao castelhano; mas ardiam os homens no lhes ser indiferente voltar ou não voltar se os cálculos falhassem.

A espinha dorsal do monstro de ignorância que nos tem vitimado e ora nos faz voltar costas à Europa deixando que se percam para nós a sua anatomia ou a sua matemática ou a sua filosofia, que até essa nos poderia ser proveitosa para medir quanto os nossos comportamentos popu-

lares a superam em muito, ora da Europa nos enamora com tão súbita paixão que estamos prontos a, com a sua economia, a sua tecnologia e sobretudo sua teologia, nos deixarmos envolver pelos juristas de César, os financeiros de Calvino, os conciliares de Trento, com ilusões, não populares, verdade seja, de que não vai acabar tudo na batalha de Alcântara ou na imaginária do Caia, — pois a espinha que se tem de quebrar ao monstro de ignorância para que de vez acabe passa nas escolas normais e, fundamentalmente, na parte que se refere à preparação de professores primários.

Primeiro, no recrutamento, de modo que desejem a carreira os mais agudos, dedicados, ambiciosos espíritos de toda a área portuguesa; Portugal, o grande, só começará a ser quando o ideal da juventude de nossos jovens for o de servir na mais recuada, mais desprotegida, mais incómoda aldeia ou arraial ou sobado de Trás-os-Montes, Piauí ou Tete, levando a humildade mais completa perante quem vai encontrar e lhe pode ensinar muito do que mais importante na vida: aceitação do que está escrito e uma sólida vontade de ajudar a escrevê-lo; reconhece o povo que Deus escreve direito por linhas tortas; mas sabe que o torto das linhas não é da responsabilidade de Deus, mas da nossa, e que as tortas linhas humanas, a miséria dos campos, a monotonia e incerteza das fábricas, a opressão dos governantes e os desfalecimentos das igrejas podem perfeitamente ser remediadas pelos homens. Há-de ir também com ele a mais actualizada, precisa e exigente das ciências, renovando-lhe os contactos a informação que rádio e televisor lhe trarão diariamente e salvando-se, ou defendendo-se das tentações da moda pela biblioteca básica de clássicos que terá a seu dispor, com seu anexo de documentação visual e de música; na música, dentro do possível, o fazê-la, que é isso que está no povo: sabe ele perfeitamente que duas notas que nos exprimam valem mais que dez discos passivamente ouvidos ou dez concertos socialmente escutados; como no desporto: ver, sentado, dez atletas correrem não desenvolve em nada; por isso tão avisados andam os governos que não têm outro ideal senão o de se conservarem no governo; grandes estádios, para multidões inactivas; só que, na maior parte das vezes, o pão não precede nem sucede ao circo. Para acompanhar humildade e ciência levará fé e exigente disciplina, consigo e com os outros.

Sabendo perfeitamente que, no Paraíso, não tinham Adão e Eva problemas de comida, lembrar-se-á, muito mais sempre, que é esse o essencial problema do povo e que o dever primeiro de quem organiza a nação é o de, para que não morra o espírito, alimentar o corpo; jejuem santamente os santos, mas se forneça, bem nutrido, a Deus o material de que os faz: homens com esperança. Ora é à volta da escola primária, e entendendo-a como principiando com o jardim de infância, que pode iniciar-se a redenção económica de Portugal, e, pela forma de a levar a cabo, a redenção de sua alma. Considerando que o cooperativismo, apesar de seus três defeitos, o de se confundir, no nome, com o corporativismo, o de exigir governo que o proteja dos contra-ataques, do capitalismo e o de não resolver senão insatisfatoriamente o problema das relações de empregado com empregador, é ainda o sistema socialista mais perfeito no respeitar da natureza humana e, talvez, no avanço para uma tecnologia da automação, urge que se prepare o povo para que bem o exercite, e tem a preparação de começar o mais cedo possível. Toda a escola primária deveria ser uma cooperativa de produção e consumo, principiando logo no rumo certo de, não sendo apenas de produção, se defender das tentações de dominar o mercado e, não sendo apenas de consumo, não se ver obrigada a ceder às exigências do produtor; a cooperativa, sob legislação especial, como já se fez no Brasil, adquiriria os necessários meios de produção e transporte e obteria seus créditos em estabelecimento bancário igualmente cooperativo, sendo as cotas dos sócios transferíveis, a cada promoção final, para a escola de grau imediato que viesse a frequentar. A vida escolar partiria inteira do trabalho na cooperativa, considerando-se muito mais importante o contacto com a realidade do que um artificial e prematuro ler, escrever e contar; como sucedeu na história da humanidade, seria a própria evolução do grupo associado que exigiria o domínio das técnicas de registo e comunicação; todo o trabalho estaria o mais possível a cargo de alunos, tomando-se consciência de que, se não relegássemos o trabalho manual àqueles de que nos consideramos superiores, todos nós teríamos mais tempo para aprender a vida e não nos dedicaríamos, com a frequência com que o fazemos, a falsas ocupações intelectuais que apenas se criaram para dar sustento aos incapazes de tarefas de produção real.

Levados pelo agrupamento especializado de recursos que a vida exige;

aprendendo, por outro lado, que sector algum do existir está separado dos outros sectores; juntando a tudo que o único trabalho satisfatório é aquele de que somos plenamente responsáveis, apareceriam, aos alunos e professores, como únicos processos admissíveis na escola, os que com tanto êxito se ensaiaram com o plano Dalton ou as escolas de Winnetka ou as directivas de Cousinet, sem que se esqueçam a liberdade criadora que Tolstoi introduziu em Isnaia Poliana ou o convívio de fraternidade e discussão que representa o melhor de Summerhill. Escola para estudar e meditar, não para ensinar e falar; escola que nada separe da natureza a que teremos de voltar enriquecidos de tudo o que nos foi a experiência da história; e escola que reforme o mundo, em vez de ser o apagado eco de todo o vagaroso progresso a que os oprimidos têm sempre obrigado os opressores; e que actue, por cada um dos seus membros, no meio imediato com que entra em contacto: o de sua família. É preciso que o que aprende o menino obrigue o pai a saber; que as técnicas novas se insinuem em casa; que o entusiasmo, a renovada descoberta, o nascer diário que são para a criança a vida penetrem na alma de todos os seus e que os mais pequenos, em lugar de serem as vítimas sem defesa da prepotência dos grandes, e é isto um dos maiores dramas do mundo, como se Herodes, tendo perdido a batalha dos inocentes, viesse agora desferrar-se crucificando Deus Menino, sejam senhores dos seus destinos e, pondo ao revés o que tem sucedido até agora, encaminhem os adultos, com paciência, mas sem desfalecer, à sua missão de ser gente.

Seria bom que isso se sentisse imediatamente no económico e que a cooperativa escolar empregasse os pais dos alunos, que logo, pela abolição do lucro, obteriam melhores salários e adquiririam os produtos que não fabricassem com as vantagens que, por sua organização, pode a cooperativa fornecer. Poder paterno se estabelece fundamentalmente porque pode o pai exercer pressão económica, como pressão económica tem mantido a mulher na posição de inferioridade que depois tanto lhe inculca manhas de escravo; libertar a criança de tal pressão seria o primeiro passo, para que por sua vez o pai dela se liberasse e transferisse menos suas próprias falências para a servidão da mulher. E fundassem os adultos suas próprias cooperativas se não quissem submeter-se à escolar; mas toda a cooperativa, se se pode desenvolver livremente, tende

a federar-se e mais uma vez se sentiria a escola como guia, e a criança, não o adulto, como primeiro objectivo social.

Não basta, porém, que a escola venha a ser primordial factor económico e que se transforme de preparadora de um exército de adultos no coro que solicita a vinda do Espírito, pela primeira vez instilando no hino um pleno conteúdo humano, deixando de ser a punidora do tal crime de ser criança para de novo levar todos os Reis, Magos ou não Magos, à adoração do Presépio; é preciso que a comunidade toda se agregue à sua volta, que na escola possam também aprender os adultos o que é propriamente saber e que pela primeira vez tenha o povo lugar de luz, convívio e ânimo que lhe substitua a taberna; a que se tem resignado, muito mais que querido. Deve funcionar a escola primária e, no mesmo rumo, todas as outras, como centro de reunião e actividade de lazer da comunidade inteira, ali se dando as aulas que forem solicitadas, se ensinando os misteres que forem solicitados, dando as informações e guia que forem solicitadas. Contra os ensinamentos do estilo, ou talvez por um seu artifício, se insistiu sobre o solicitar; crê-se efectivamente que demais se têm fabricado receitas para o povo e por isso todos os remédios têm falhado na cura do doente; é bom perguntar-se ao povo, antes de decidir, o que propõe ele; e que nada se faça, se nada propuser; nada se lhe leve que não deseje e consideremos que já nos ocupará bastante satisfazer ao que sempre quererá, viver, continuar vivendo; porque, nas condições actuais da sociedade, e tanto falo do lado de cá dos Pirinéus, uma das fronteiras norte do terceiro mundo, agora já se transformando em segundo pela gradual aproximação de todos os brancos, como do que se passa para o lado de lá, em que as coordenadas de existência do homem só são de melhores perspectivas sob o ponto de vista físico; nas condições actuais só a criança vive, no sentido basilar de que não se põe como ideal adquirir hábitos, mas reinventar o dia a cada sol que surge. O resto sobrevive, quase mais até apavorado com a sobrevivência do que com a morte, no que o afundam cada vez mais uma literatura, um cinema e um teatro que ficariam muito melhor nas decadências da *História Augusta* do que nesta alvorada das viagens do espaço; é certo, no entanto, que foram coincidentes no tempo Tibério e Cristo, o que não põe de parte que se sinta alguma compreensão da violência com que reagem alguns países aos indo-europeus venenos de Ocidente.

Mas o nosso verdadeiro caminho só pode passar onde não houver um postulado de força, a qual existe do lado dos governos muito mais do que do lado dos povos, a ponto tal que o verdadeiro subversivo não é aquele que defende a violência, mas o que a reprova e lhe substitui contactos, conversa e compromisso; tem de ser esta a resposta dos povos de língua portuguesa e de todos os que a eles se associem, a quem quer que apareça como preconizando indispensável ao progresso a limitação da liberdade; a termos que admitir uma ditadura, só a da criança admitiríamos; seria o aplicar, quanto a ela, da violência com que o bico do pinto trata a casca do ovo.

Veja, pois, o Povo como seu mestre e guia a Criança que toma para seu Imperador e saiba esta, pelo saber infuso que não vem dos livros ou pelas estruturas do espírito que do mistério traz, que só se pode imperar quando se serve e que ministro algum é bom quando uma e outra vez se não repete a si mesmo que lhe vem o nome de valer «minus» ou menos e que pertence o magistério aos outros, os que são «magis» ou mais; afinal, por ambos servirem e mandarem, não sirva ou mande qualquer deles, e sejam, plenos, gente, que não se fez para servir ou mandar; mas para ser larva de Deus; que oxalá crisalide e voe.

Terminado o livrinho, que não reverei senão em provas, para me guardar das tentações de ser escritor, sobretudo em assunto como este, e que não tornarei a ler, como tem sucedido com todos os outros, para não correr o perigo de o achar bom e parar ou o considerar péssimo e desistir, há que pedir algumas desculpas, oferecer algumas justificações e desejar alguma continuidade. Seja, logo, da primeira categoria a solicitação de que haja paciência com aqueles meus longos períodos de que sempre se queixaram os leitores e de que Eudoro de Sousa ou João Cascudo de Moraes, não me lembro bem qual, dizia que só se podiam entender pondo os dedos nas conjunções, para separar oração de oração, e guardando cuidadosamente na cabeça o sentido de cada uma; sendo qualquer dos dois tão bom leitor e tão isento de vícios de inarticulação que vêm das histórias em quadrinhos ou quadradinhos, força é admitir que se trata de um defeito que não devia existir, já que o propósito é o de comunicar e comunicar fácil com o maior número possível de interessados.

O que acontece, porém, é que muito mais que escrever me interessa falar e aí, porquanto há gestos, pausas queridas e necessidade de respirar, ficam as tais orações mais ou menos bem divididas e pouca gente dá por que, afinal, houve apenas um período de princípio a fim do discurso; o que escrevo será, pois, exactamente o que seria uma transcrição fiel do que se poderia ter falado e talvez fosse de bom conselho a

quem o lesse que o fizesse alto, para me ouvir, mais do que ler-me; inventei isso para que entendessem mais facilmente um grande pensador nosso, de que não cito o nome, para se não dizer que faço publicidade dos Amigos, e porque é bom, por vários motivos, que as Amizades se não publiquem; a invenção deu muito certo e todos entenderam perfeitamente o nosso homem, que mais deveria viver na Grécia antiga do que no Portugal de hoje: ali, em todos os sentidos, lhe seria fácil a palestra e teria o exemplo de Sócrates, que nunca deu trabalho a bibliotecários excepto por causa de Platão e Xenofonte e, depois, de todos os que vivem da filologia clássica, em lugar de, por ela, entenderem a vida.

Mas o mais grave é que o mesmo falar me parece de menor interesse; o que se tem de importante a participar, ou a comunicar, sempre as duas palavras no seu significado etimológico de fazer do outro uma parte de nós ou um comungante do que somos, isso se faz chegar e a nós volta, mais rico, muito mais pelo silêncio do que pela palavra, escrita ou falada; estas são quase sempre coisas de ponte de navio, como ordem de comando ou continência; servem para a acção e não a mais profunda, porque está essa, a essencial, no domínio das feitiçarias silenciosas ou, para os místicos, no aniquilar-se em Deus. Ora sucede que nunca fui pensador, jamais me pus pensando, como quem delibera andar ou comer, posto de parte naturalmente o quando estudo e quero entender o que estudo, mas ainda haveria a discutir se isto é pensar e não uma espécie de apurar vista ou ouvido; mas o pensar de invenção, admitindo que alguma vez o houve, sempre o deixei por conta do cérebro, se é este que pensa, como deixo o digerir por conta do estômago e o correr do sangue por conta do coração e por conta das válvulas que nunca deixam refluir, coisa fundamental. Ora o pensar assim, que era ao que se vinha, já outra vez num longo período, importa-se pouco com os pontos finais e os parágrafos; apenas acontece; acontece acordado e acontece a dormir; acontece certo e acontece errado; e pode ser que se exerça em realidade ou sonho.

A este ponto se dirige segunda nota; vai o livrinho ser acusado de não ter em conta o que se chama os factos, lembrando-se as pessoas pouco da origem da palavra, que é apenas um participio passado do verbo fazer e, portanto, é uma coisa feita, fabricada, com todos os problemas

anexos de saber donde saiu e quem o fez; para não entrar com teologias, em que logo porão contraditores a dúvida da legitimidade, nem com geometrias que, como já se disse para trás, só são possíveis quando o interlocutor amavelmente aceita como verdadeiro o que sem provas lhe propomos, diremos que talvez sejamos nós os fabricantes dos factos e talvez eles saiam do nosso pensamento; e tem havido na história da filosofia gente com bastante audácia e desprezo do senso comum para achar que os próprios outros homens podem ser uma invenção nossa; errado, certamente: mas o que queria era ver provar o contrário. Seja como for, e aceitando como facto a ideia comum de que se trata do que está ali com uma cor real, um peso real, um som real, e lá se vai toda a física de hoje, direi apenas que, pelo que me lembro de ter escrito aqui, não se falou de nada que não tenha sido experimentado nalguma parte, não se propôs realização que seja logicamente impossível, se manteve tudo cuidadosamente dentro do sensato, o que dará para o leitor calcular o que teria sido se se tivesse penetrado no domínio do insensato, terreno de resto muito pisado pelas sobreditas geometrias; o que não há, na maior parte das vezes, é imaginação bastante para abarcar todo o fantástico do real; nem bastante pensamento, que é mais vasto que imaginação, para solidamente implantar bandeira na realidade do fantástico; ficam esses tais pelo terreno do possível: mas o possível já foi todo feito, e não importa senão como veículo de viajar ao impossível. Coisa de que me não podem louvar ou acusar aqui; nada disse de novo; pode o arranjo ser diferente: mas já é bem velha cada pedrinha do mosaico.

Além de tudo, nada se pôs que se não veja como base de discussão e apenas isso, do que tenho que pedir a verdadeiramente importante das desculpas. Encontram-se hoje várias nações, se não todas, mas pelo menos as de língua portuguesa, duramente divididas entre as direitas e as esquerdas, por sua vez ambas com uma infinidade de subdivisões; não se tomou a menor conta, no decorrer do que se escreveu, se tal conceito ou tal outro era de direita ou de esquerda, ou iria contra direita ou contra esquerda, não por indiferença ou por neutralidade fugidia, mas apenas porque se estava fundamentalmente interessado na sorte dos milhões de homens que não são nem de um nem de outro campo e que se tem, antes de mais, de trazer à posição cívica em que lhes seja possível escolher

ou à posição, ainda nelhor, em que tenham ultrapassado a escolha, depois de ter escolhido; supondo isto que o contraste entre esquerdas e direitas não é perpétuo e que não é possível haver um conservadorismo revolucionário como haver um revolucionarismo conservador; os quais há mesmo.

Mas, falando apenas das esquerdas e direitas actuais na nossa área, haverá nestas páginas anteriores muito que desagrade às esquerdas e muito que desagrade às direitas e que qualquer dos grupos desejaria contestar e substituir; ora o que me aflige, e daí o pedido de desculpas, não é que venham as críticas da direita sobre alguns pontos que acho defensáveis quanto a economia, escola ou igrejas; poderão ser correcções certas e serão tomadas na devida conta, pensadas e adoptadas se me parecerem certas; mas sentirei que alguém desse sector o faça quando talvez não haja para o grupo contrário as mesmas facilidades de expressão; e lamentarei que devido a circunstâncias que não são de nenhum modo portuguesas na sua essência não tenha o outro grupo ampla oportunidade de me ajudar, e tanto quanto o primeiro, a encontrar caminho mais verdadeiro para mim, e, o que mais me interessa, para o povo português; as desculpas vão, pois, a um e outro campo: às chamadas direitas por as colocar porventura, na contigência de falarem sozinhas, o que decerto lhes perturba a paz de consciência em que, como toda a gente, desejariam viver; às esquerdas porque lhes faço sentir mais duro um silêncio que lhes não é do agrado, provavelmente; digo provavelmente, porque a mim tal silêncio em nada me incomodaria; creio o bastante na história para ter a certeza de que ela se fará como se tem feito, sempre em avanço, de que reconquistaremos o Paraíso, por mais complicadas que sejam as voltas em que a serpente se enrole, e de que o supremo destino do homem consiste em ser santo e deus, portanto livre; posso estar perfeitamente calado, contemplando o mundo em lugar de querer modificá-lo pela palavra ou pela acção; não sou mosca que tenha pretensão alguma de ir empurrando a carruagem; bons cavalos me levam; mas me dói que os que são diferentes se não possam exprimir diferentemente.

Mas vamos repetir a esquerdas e direitas, quaisquer que sejam suas possibilidades de diálogo, que nada do que penso vejo como satisfatório e como definitivo; posso dizer, sem paradoxo, que só tenho fé na

dúvida, a exemplo, na minha pequenez humana, de ter Deus a liberdade como sua única lei; quer dizer esta segunda parte que Deus está sempre inventando e sempre com uma infinita possibilidade de mais inventar, como se ainda não tivesse inventado nada; como o que inventa me aparece a mim, preso nas malhas de espaço e tempo, quase sempre como em pares de contrários, nunca me tomo decididamente por um ou outro termo do par, senão quando se trata das definições práticas da vida: por exemplo, é melhor que o povo coma do que não coma; é melhor que se fale bobeando do que se rebente calado; é melhor a fábrica automática do que os navios negreiros; mas, no resto, duvido; o mundo em que vivo é uma equação: não me importo com o que significam os termos; sei apenas que são iguais; então todo o mistério reflui ao próprio sinal de igualdade que os separa e os une; mas só saberei desse mistério quando não houver mais membros de equação e quando, portanto, não tiver o sinal qualquer espécie de significado; o que talvez só se realize, a nosso nível, na viva morte dos santos; repetirei ideias para que fiquem, senão bem claras, pelo menos bem lembradas, e me não atribuam outras: nos santos de qualquer religião, ou de nenhuma; os quais devem estar incluídos, para os católicos, nas celebrações litúrgicas do Primeiro de Novembro.

Ainda haveria muitos pontos de que falasse nestas explicações de páginas finais do livrinho e talvez outro livrinho se pudesse escrever sobre eles; mas por agora só vos tomarei um pouco de tempo para mais um; e é ele o de eu tantas vezes atribuir papéis de messianismo aos povos da área de língua portuguesa, o que significa nitidamente que só creio possível tal messianismo e tal guia dos outros quando Portugal não for apenas o das corografias, mas a perfeita fraternidade, igualdade e camarada marcha de futuro de xinguanos e minhotos, ou de macuas e timorenses, ou de mineiros e macaistas, esquecidos inteiramente de quando púnhamos branco por superior a negro ou amarelo por superior a branco; ou de quando tínhamos fome; ou de quando tínhamos medo. Mas efectivamente o penso; o mundo vai precisar de quem empunhe o estandarte da paz e não creio que estejam a ponto de desempenhar tal papel no futuro as grandes potências comprometidas na guerra, nem que tenha forças suficientes para abalar as máquinas governativas quem, dentre elas, as não aprova; o estandarte jaz aí, no chão, e em risco de ser defi-

nitivamente despedaçado pelo torpear dos combatentes; tomemo-lo nós e afirmemos a luz, por mais escura que seja a noite; já o fizemos quando nevegámos, ainda pequeno Portugal, e trouxemos as bases para as utopias dos pensadores do Renascimento e o surto da ciência moderna; e talvez só para isso tenhamos sido conservados depois de tanta desgraça; de tanto aniquilador desastre escapámos afinal que a única explicação racional possível é lembrar o provérbio de que está a mão de Deus por baixo de borracho e meninos e acrescentar-lhes Portugal; ou ir pelo caminho dos que dizem, do lado de lá do Atlântico, que Deus é brasileiro.

Sou destas confianças como lição do passado e destes optimismos como vontade de futuro; sobrámos das catástrofes para sermos o que quisermos quando quisermos: e nada há melhor para ser, depois que acendermos chama em nós, do que espancar com elas as sombras que atemorizam os outros e pelo medo os podem destruir; chegou o tempo de nos prepararmos para as novas viagens, que o soltar das amarras vem aí; e, embora saibamos da eternidade da cruz neste mundo nosso, talvez fosse bom que se substituísse, nas velas que se soltem, pelo liz do Norte dos mapas, do Espírito Santo da Rainha Isabel e da perfeita Trindade, e que, em lugar do que ouvimos no Restelo, repetíssemos os versos do Poeta que já citei:

*Porque é do português, pai de amplos mares,
Querer, poder só isto:
o inteiro mar, ou a orla vã desfêita —
O todo, ou o seu nada.*

Com uma correcção: a de pormos agora mundos em vez de mares; e uma dúvida: a de que talvez não esteja certa a vírgula entre o verbo querer e o poder.

FIM

AGOSTINHO DA SILVA



**uns poemas
de Agostinho**

ulmeiro

EDUCAÇÃO DE PORTUGAL
Autor: AGOSTINHO DA SILVA

EDITORA DIGITAL

"ÁGUA PRECIOSA"

Telefone: 923 407 949

Projecto gráfico

MUKERENG MPÔIO CALUNGA CARDOSO



Todos os direitos desta obra reservados a

AGOSTINHO DA SILVA

Este E-book está protegido por

Leis de direitos autorais na "CPLP" "SADC" e "PALOP"

=====

"CPLP" COMUNIDADE DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA

"SADC" COMUNIDADE DOS PAÍSES DA ÁFRICA AUSTRAL

**"PALOP" PAÍSES AFRICANOS DE LÍNGUA OFICIAL
PORTUGUESA"**

Esta obra está sob uma Licença Commons.

Você pode copiar, distribuir, exibir, desde que

Seja dado crédito aos autores originais –

Não é permitido modificar esta obra.

Não pode fazer uso comercial desta obra.

Não pode criar obras derivadas.

A responsabilidade

Pelos textos, músicas e imagens

É exclusivamente do Autor.



AGOSTINHO DA SILVA

Foto de: Carlos Frederico Dias da Silva



Creio, primeiro, que o mundo em nada nos melhora, que nascemos estrelas de ímpar brilho, o que quer dizer, por um lado, que nada na vida vale o homem que somos, por outro lado que homem algum pode substituir a outro homem. Penso, portanto, que a natureza é bela na medida em que reflecte a nossa beleza, que o amor que temos pelos outros é o amor que temos pelo que neles de nós se reflecte, como o ódio que lhes sintamos é o desgosto por nossas próprias deficiências, e que afinal Deus é grande na medida em que somos grandes nós mesmos: o tempo que vivemos, se for mesquinho, amesquinha o eterno.